

GUÉLMER JÚNIOR ALMEIDA DE FARIA



“UMA MAIS UMA É SEMPRE MAIS QUE DUAS”: configurações e dinâmicas das
redes sociais das domésticas migrantes

MONTES CLAROS/ MG
AGOSTO/ 2019
GUÉLMER JÚNIOR ALMEIDA DE FARIA

“UMA MAIS UMA É SEMPRE MAIS QUE DUAS”: configurações e dinâmicas das
redes sociais das domésticas migrantes

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Desenvolvimento Social, da
Universidade Estadual de Montes Claros-MG,
como requisito para obtenção do título de
Doutor em Desenvolvimento Social.
Linha de Pesquisa: Relações Socioeconômicas
e Estado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Alves
Ferreira.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Maria
Narciso Rocha de Paula.

MONTES CLAROS/ MG

AGOSTO/ 2019

Catálogo Biblioteca UNIMONTES

Faria, Guélmer Júnior Almeida de.

“Uma mais uma é sempre mais que duas” [manuscrito] : configurações e F224m dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes / Guélmer Júnior Almeida de Faria. –2019.

292 f. : il.

Bibliografia: f. 261-281.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social /PPGDS, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Luz Alves Ferreira.

Coorientadora: Profa. Dra. Andréa Maria Narciso Rocha de Paula.

1. Domésticas. 2. Migrações. 3. Trabalho feminino. 4. Redes sociais. 5. Norte de Minas (MG). I. Ferreira, Maria da Luz Alves. II. Paula, Andréa Maria Narciso Rocha de. III. Universidade Estadual de Montes Claros. IV. Título. V. Título: Configurações e dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes.

Catálogo Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

GUÉLMER JÚNIOR ALMEIDA DE FARIA

“UMA MAIS UMA É SEMPRE MAIS QUE DUAS”: configurações e dinâmicas das
redes sociais das domésticas migrantes

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Desenvolvimento Social, da
Universidade Estadual de Montes Claros-MG,
como requisito para obtenção do título de
Doutor em Desenvolvimento Social.

Aprovado em ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Alves Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof.^a Dr.^a Andrea Maria Narciso Rocha de Paula (Coorientadora)
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof. Dr. Antônio Dimas Cardoso
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof. Dr. Rômulo Soares Barbosa
Universidade Estadual de Montes Claros

Prof.^a Dr.^a Maria Dione Carvalho de Morais
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dr.^a Sílvia Portugal
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Nécio Turra Neto
Universidade Estadual Paulista

Dedico a meus pais: Isabel e Sebastião.

Com afeto e amor.

AGRADECIMENTOS

Ao tecer as últimas palavras dessa jornada de quatro anos, gostaria de agradecer
tod@s as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram no percurso da pesquisa. As

minhas redes que foram tecidas não *entre* as relações, mas *ao longo* delas. Em muitos momentos, a solidão foi precisa, era um encontro comigo e a tese. Mas estar solitário não era sinônimo de estar sozinho. Solidão não é o mesmo que solidude. Sempre se podia contar com pessoas ao meu lado e, nesse breve relato, é a hora de reconhecê-las como as mais importantes em nosso trabalho e em nossa vida.

A realização deste trabalho só foi possível graças à orientação precisa recebida das professoras: Dr.^a Maria da Luz Alves Ferreira e Dr.^a Andrea Maria Narciso Rocha de Paula. Agradeço e deixo registrado meu respeito e admiração profissional, pessoal e afeto à Da Luz, orientadora extraordinária que me ensinou valiosos conceitos da Sociologia, respeitando minhas limitações, dando asas para minha escrita mais descritiva e incansável nas contribuições e considerações de que “teria que me posicionar!”.

Agradeço também à minha outra importante mestra, a Prof.^a Andrea Narciso, ou “Déa”, sempre constante e generosa. Foi com ela que aprendi e tomei gosto pelas metodologias qualitativas, o “ouvir o outro”, da humanidade no meio acadêmico, do compromisso social que se assume ao ser financiado pelas agências de fomento e da responsabilidade de ser pesquisador. Suas contribuições, conhecimento e dedicação foram fundamentais, para desemaranhar momentos difíceis das etapas da pesquisa.

Agradeço meus pais, com afeto e saudades sempre, Isabel e Sebastião, pelo incentivo aos estudos, pela compreensão da ausência, pela força, pelo encorajamento e pelo apoio. Essa fortaleza só me traz ganhos ao enfrentar os desafios e as experiências da vida.

A minha irmã, Fabiana – Ba, reconheço e agradeço sua admiração e respeito pelos meus sonhos, minhas conquistas e sei que ela é uma das pessoas que “eu posso contar”. Mas, sobretudo, por me ouvir, dar conselhos, ajudar materialmente e simbolicamente. Muito obrigado. Te amo!

Aos meus familiares, que sempre respeitaram, valorizaram e acreditaram em minhas escolhas. Acolhimento, descanso, cuidados, preocupação, incentivo, perdão pelas ausências em momentos familiares... Agradeço por tudo! Aos tios e tias, meu irmão Guilherme, ao Nicollas, sobrinho querido, que me faz ser “títio”. Em especial, à minha tia Aparecida que me tem como um filho, não medindo esforços para me acolher e acudir. Em nome deles agradeço todos os outros familiares que, de alguma forma, participaram deste longo processo.

Ao meu companheiro, José Maria ou “Zé”, em tempos de intolerância resolvemos ser resistência. Meu companheiro de vida, a quem admiro pela sua vida, comigo viveu todo o processo da tese. Tivemos muitos momentos alegres, como os oito meses em que ele largou tudo e foi me acompanhar em Portugal. Mas, também tristeza, nesse último ano do doutorado,

recebeu um diagnóstico de câncer e graças a nossa fortaleza está curado. É diante desses percalços da vida e de nossa alegria em estarmos juntos que podemos enfrentar todo o percurso com amor e coragem. Para quem tem fé, a vida nunca tem fim!

Não poderia esquecer os meus amig@s da primeira turma de doutorado do PPGDS/2015. Construímos nossa história juntos. Parceiros da solidão, do medo, das angústias, mas, que no fim dá tudo certo, lembrando que é um processo. Agradeço: Christine, Viviane, Mônica, Fred e Dayrell, pela vivência, pela força e pela partilha.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGDS/ UNIMONTES), que acolheu meu projeto de pesquisa de doutorado, e ao OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco, que, sem a participação neste grupo, não teria sido possível a ida a campo. Gratidão a toda a equipe do projeto “Redes”, aos colegas: Ana Flávia, Jaqueline e Adinei, pelas ricas e valiosas ajudas no campo.

Em especial, agradeço e reconheço a generosidade e disponibilidade de Lilian, que partilhou o campo de pesquisa, dividiu comigo desde os cafezinhos das manhãs às reflexões desta tese, até os “bordejões” no ponto de ônibus das domésticas. E é claro, nossa “cervejinha” para “desestressar”. A ela devo muito mais que apenas gratidão, firmamos uma amizade para a vida. Muito obrigado!

Agradeço também aos professores doutores da disciplina Colóquio de Tese: Elton Xavier e Rômulo Barbosa, pelas excelentes ideias, aulas, críticas e sugestões que contribuíram não só para a escrita da tese, mas para minha formação intelectual.

Sou profundamente grato ao professor Dr. Casimiro Balsa da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, pelas aulas de Seminário Avançado de Pesquisa que, com afincamento e dedicação, situo-me no universo das “redes sociais”. Seu vasto conhecimento me impulsionou a ir à Portugal aperfeiçoar-me e foi fundamental para o desenvolvimento da tese.

Gratidão à professora Sílvia Portugal da Universidade de Coimbra, em Portugal, que me acolheu no estágio de doutoramento com toda simpatia, sempre disponível, atenta às minhas indagações, contribuindo para além da complexidade que o tema requeria. Sílvia é de uma humanidade sem fim. Obrigado!

Aos membros da banca de qualificação, Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCAR), que redesenhou minha trilha metodológica, e o Prof. Dr. João Dal Poz (UFJF), sempre preciso e cirúrgico nas considerações no exame de qualificação.

Agradeço à banca que se propôs a avaliar e contribuir nesta tese: Prof. Dr. Rômulo Soares Barbosa, Prof. Dr. Antônio Dimas Cardoso, Prof.^a Dr.^a Maria Dione Carvalho de Moraes, Prof. Dr. Nécio Turra Neto e Prof.^a Dr.^a Sílvia Portugal.

Meu muito obrigado à secretaria do PPGDS, especialmente à Vanessa, que está sempre disposta a aliviar nossas cargas burocráticas.

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Torno esta pesquisa pública e de livre acesso no desejo de ter contribuído para a divulgação da ciência e da pesquisa no Brasil. Que muitos outros estudantes possam a vir a ter as mesmas oportunidades. Educação é investimento que culmina em desenvolvimento!

Às minhas interlocutoras, mulheres do sertão, mulheres insubmissas, domésticas, migrantes e trabalhadoras, reforço minha gratidão e respeito pela história de cada uma. São pessoas como essas que fazem das Ciências Sociais uma disciplina que conta, reconta e descreve suas histórias vividas.

Enfim, agradeço a Deus pela oportunidade da vida, sem o qual nada disso faria sentido. Agradecê-lo sempre, fortalece a fé!

“[...] as pessoas agem e, em consequência, procuram manter relações, assegurar funções, se influenciar, se controlar, se interditar, se permitir, se distanciar ou se aproximar e, assim, criar redes entre elas”.

(RAFFESTIN, Claude, 1993, p. 156).

RESUMO

A presente tese tem como escopo compreender a dinâmica migratória das domésticas através da Análise das Redes Sociais. A mobilidade dessas mulheres para o trabalho doméstico, em Montes Claros, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e outras cidades, tecem-se por meio das redes de relações sociais, que abrangem familiares e conterrâneos, tanto no Norte de Minas Gerais como nas principais cidades de destino. Ao propor abordar as redes, retirando as do amálgama das estruturas para a dinamização de seus conteúdos, procura-se emergir a relevância dos laços sociais e da ação coletiva dessas mulheres. Por meio da abordagem metodológica qualitativa, buscamos explorar as redes sociais das domésticas migrantes do Norte de Minas Gerais e qual a lógica particular da articulação desse grupo social. Para tanto, a pesquisa empírica foi realizada com duas redes de domésticas – uma rede de produção de movimentos, que se estende das zonas rurais dos municípios norte mineiros de Mirabela e São Francisco para Belo Horizonte, São Paulo e Distrito Federal, redes *da* migração; e uma outra rede que está em fase cumprida do processo migratório, oriundas de municípios vizinhos a Montes Claros, residentes no bairro Village do Lago I, rede *na*

migração. Foi utilizada no desenho metodológico uma combinação de fontes de pesquisa, entre: oficinas, entrevistas em profundidade, observação direta, questionário “gerador de nomes”, mapa de rede social e o *software Gephi 0.9.2*. Os dados construídos por esses instrumentos foram concatenados pela análise de conteúdo sob o foco das teorias sociológicas. Os resultados revelam a centralidade feminina na disponibilidade dos recursos acionados pelas suas redes. Portanto, uma característica fundamental desse modo de organização coletiva é o rápido acionamento, os laços fortes de identificação e o pertencimento. A mobilidade e o compartilhamento da dádiva, reciprocidade, ajuda mútua e apoio são valores que criam e recriam asteias dasredes de relações sociais.

Palavras-chaves: Domésticas. Migrações. Trabalho Feminino. Redes Sociais. Norte de Minas.

ABSTRACT

The present thesis aims to understand the migratory dynamics of the domestic ones through the Analysis of Social Networks. The mobility of these women to domestic work in Montes Claros, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília and other cities are woven through networks of social relations, which include family and compatriots, both in the North of Minas Gerais and in the main cities of destination. By proposing to approach the networks by removing them from the amalgam of structures for the dynamization of their contents, it seeks to emerge the relevance of the social bonds and the collective action of these women. Through qualitative and quantitative data, we seek to explore the social networks of domestic migrants from the North of Minas Gerais and the particular logic of the articulation of this social group. For that, the empirical research was carried out with two networks of domestic, a movement production network, that extends from the Minas Gerais municipalities of Mirabela and São Francisco to Belo Horizonte, São Paulo and the Federal District - migration gives networks. And another network that is in full phase of the migratory process, coming from cities near Montes Claros, residing in the neighborhood of Lago I Village - migration at network. A combination of research sources was used in the methodological design, including: workshops, in-depth interviews, direct observation, questionnaire “name generator”, social network map and Gephi 0.9.2 software. The data collected by these instruments were concatenated by content analysis under the focus of sociological theories. The results reveal the feminine centrality in the availability of the resources activated by their networks, so a key characteristic of this mode of collective organization is the rapid activation, the strong ties of identification and the belonging. Mobility and sharing of gift, reciprocity, mutual help and support are values that create and recreate the webs of social networks.

Keywords: Domestic. Migrations. Female Work. Social Networks. North Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Modelo operacional das redes sociais de domésticas migrantes.....	
62	Figura 2 – Participantes da oficina
149	Figura 3 – Mapa da Rede Social Pessoal Significativa
176	Figura 4 – Sociograma do sistema de migração das domésticas, 2018.....
204	Figura 5 – Quem são os laços e os nós da rede social.....
232	Figura 6 – Indicadores de capital migratório propostos ao longo das dimensões conceituais de recursos, fontes e destinatários.....
235	

FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Ponto de ônibus do bairro Ibituruna, Montes Claros-MG, 2018.....	38
Foto 2 – Oficina no CRAS – Village do Lago I, Montes Claros-MG, 2018.....	40
Foto 3 – Ponto de ônibus da cidade de Mirabela-MG, 2018.....	112
Foto 4 – Sertão Norte Mineiro, Quilombo Buriti do Meio, São Francisco-MG, 2017	119
Foto 5 – Destino: Plantação de batata, Goiás-GO, 2018.....	124
Foto 6 – Um lugar de origem: Habitação no sertão-mineiro, São Francisco-MG, 2018.....	124
Foto 7 – Zona rural de São Francisco-MG, 2018.....	133
Foto 8 – Rodoviária de Mirabela: “De onde se vem e para onde se vai”, Mirabela-MG, 2018	133
Foto 9 – Ponto de ônibus, bairro Ibituruna, Montes Claros-MG.....	134
Foto 10 – Cartaz da oficina.....	137
Foto 11 – “A oficina que não teve”	139
Foto 12 – Dinâmica da Rede	145
Foto 13 – Cena do filme Domésticas (2001)	146
Foto 14 – Participantes assistem a cenas do filme Domésticas	147

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de São Francisco/MG.....	
--	--

55	Mapa 2 – Localização do município de Mirabela/MG.....	
57	Mapa 3 – Porcentagem de mulheres no total de migrantes, 2015	72
	Mapa 4 – Localização de Montes Claros/MG.....	115

LISTA DE MAPAS DAS REDES SOCIAIS

Mapa da Rede Social 1 – Rosa	
181 Mapa da Rede Social 2 – Violeta	184
Mapa da Rede Social 3 – Hortência	187
Mapa da Rede Social 4 – Margarida	190
Mapa da Rede Social 5 – Magnólia.....	192
Mapa da Rede Social 6 – Íris.....	195

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologias das redes sociais	
42 Quadro 2 – Propriedades dos laços.....	44
Quadro 3 – Características das duas redes pesquisadas	51
Quadro 4 – Características sociodemográficas das entrevistadas das duas redes	52
Quadro 5 – Autores estruturais-funcionalistas	82
Quadro 6 – Pesquisas sobre as migrações sertanejas	123
Quadro 7 – Características estruturais das redes sociais	
177 Quadro 8 – Sistemas de categorias que organizam os temas com suas respectivas subcategorias	197
Quadro 9 – Síntese das Normas proposta por Therborn (2002).....	
211 Quadro 10 – Funções das redes sociais propostas por Sluzki (1997).....	223
Quadro 11 – Atributos das redes de relações sociais	236

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índice Gini, São Francisco (MG) e Mirabela (MG), 2013	54
Tabela 2 – População total, por Gênero, Rural/Urbana – Municípios de São Francisco (MG) e Mirabela (MG), 2013.....	56

Tabela 3 – Porcentagem de mulheres no total de migração internacional, segundo regiões do planeta, 2015 (ONU)	73
Tabela 4 – Emigrantes por idade, Norte de Minas, data fixa (2010)	74
Tabela 5 – População de Montes Claros, segundo a situação do domicílio (1991-2010)	114
Tabela 6 – Dados sociodemográficos das domésticas participantes da pesquisa, bairro Village do Lago I, Montes Claros-MG, 2018	180
Tabela 7 – Dados sociodemográficos das domésticas participantes da pesquisa, Montes Claros MG, 2017.....	201

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDAW Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as
Mulheres

CEPAL Comissão Econômica para a América Latina e Caribe CES

Centro de Estudos Sociais

CIReS Congresso Internacional de Redes Sociais

CRAS Centro de Referência em Assistência Social

CTU Colégio Técnico Universitário

FENATRAD Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas

GAD *Gender and Development*

GED *Gender, Environment and Development*

GIARS Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Análise em Redes Sociais HRBA

Human Rights Based Approach

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH-E Índice de Desenvolvimento Humano Educação

INSNA *International Network for Social Analysis*

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MTE Ministério do Trabalho e Emprego

NSE Nova Sociologia Econômica

OIT Organização Internacional do Trabalho

ONU Organização das Nações Unidas

PBF Programa Bolsa Família

PEC Proposta de Emenda à Constituição

PMCMV Programa Minha Casa Minha Vida

PNAD Pesquisa por Amostra de Domicílio

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento SEPPIR Secretaria

Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial SINE Sistema Nacional de Emprego

SPM Secretaria de Políticas para as Mulheres

SUDENE Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UC Universidade de Coimbra

UFV Universidade Federal de Viçosa

UBS Unidade Básica de Saúde

USAID *United States Agency for International Development* WID
Women in Development

WAD *Women and Development*

SUMÁRIO

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS	20
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	31
2.1 CAMINHO INSTITUCIONAL	34
2.2 CAMINHO EMPÍRICO.....	36
2.3 CAMINHO TEÓRICO.....	41
2.4 QUEM SÃO AS PARTICIPANTES DA PESQUISA?	47
2.5 LUGARES DA PESQUISA.....	52
2.5.1 O bairro Village do Lago I.....	52
2.5.2 Municípios circunvizinhos.....	53
2.6 ENTRE A CONSTRUÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DE DADOS RELACIONAIS E ESTRUTURAIS	58
2.7 MÉTODOS, TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	60
2.8 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS QUALITATIVA	64
PRIMEIRA PARTE: MIGRAÇÕES, SOCIEDADE EM REDE, RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO	66
3 CAPÍTULO 1: TEORIAS MIGRATÓRIAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, GÊNERO E REDES SOCIAIS	66
3.1 MULHERES E MIGRAÇÃO	70
3.2 REDES SOCIAIS.....	77
3.2.1 Precursores dos estudos das redes sociais nas Ciências Sociais.....	80
3.2.2 Os estudos de Simmel, Mauss e Elias.....	84
3.2.3 Natureza dos laços das redes sociais.....	90
3.2.4 Redes sociais pessoais significativas.....	93

4 CAPÍTULO 2: “DE MULHERES E POR MULHERES!”: TRABALHO FEMININO, MIGRAÇÃO E REDES SOCIAIS.....	97
4.1 TRABALHO DOMÉSTICO: OPORTUNIDADES DE VIDA DESIGUAIS.....	98
4.2 TRABALHO “DE MULHERES?”.....	103
4.3 “POR MULHERES!”: as redes sociais.....	107
5 CAPÍTULO 3: MIGRAÇÕES SERTANEJAS.....	112
5.1 MIGRAÇÕES INTERNAS: CENÁRIOS DE MIGRAÇÕES NO NORTE DE MINAS	113
5.2 AS PESQUISAS SOBRE MIGRAÇÕES SERTANEJAS.....	119
5.3 ESPAÇOS MIGRATÓRIOS DE VIDA E TRABALHO	125
5.4 “LUGARES DE VIDA”: VARIAÇÕES E CONEXÕES ENTRE RURAL E URBANO	128
SEGUNDA PARTE: MORFOLOGIA DAS REDES SOCIAIS DAS DOMÉSTICAS MIGRANTES	134
6 CAPÍTULO 4: “DESATANDO OS NÓS!”: NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO/NO TRABALHO DOMÉSTICO.....	134
6.1 IR OU NÃO IR À OFICINA?: ESPAÇO PARA QUESTIONAR E AVALIAR AS EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES.....	139
6.2 OFICINA: “A VISIBILIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO”.....	143
7 CAPÍTULO 5: “A BUSCA PELA FORMA E DA FORMA”: A CONFIGURAÇÃO DO MAPA DA REDE SOCIAL.....	175
7.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MAPAS DE REDE SOCIAL	181
7.1.1 Mapa da Rede Social de Rosa.....	181
7.1.2 Mapa da Rede Social de Violeta.....	184
7.1.3 Mapa da Rede Social de Hortência.....	187
7.1.4 Mapa da Rede Social de Margarida	190
7.1.5 Mapa da Rede Social de Magnólia.....	192
7.1.6 Mapa da Rede Social de Íris.....	195
7.2 “POR DENTRO DA REDE”: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MAPAS.....	197
8 CAPÍTULO 6: “DA FORMA AO CONTEÚDO”: FORMAÇÃO E SOCIOGRAMA DO SISTEMA MIGRATÓRIO DAS DOMÉSTICAS.....	200
8.1 SOCIOGRAMA: ESPACIALIZANDO AS REDES DE RELAÇÕES DO SISTEMA MIGRATÓRIO FEMININO	202
8.2 SISTEMA MIGRATÓRIO: ESTRUTURA DAS REDES SOCIAIS.....	203
TERCEIRA PARTE: CONTEÚDO DAS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS.....	210
9 CAPÍTULO 7: “ENTRE AS NORMAS DA FORMA!”: ESPECIFICIDADES DAS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS DAS DOMÉSTICAS.....	210

9.1 “FAZ UM FAVOR! POR FAVOR?”: NORMAS DAS REDES SOCIAIS	211
9.2 FUNÇÕES DAS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS DAS DOMÉSTICAS	221
9.3 A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS PARA O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DA DOMÉSTICA MIGRANTE.....	223
10 CAPÍTULO 8: ATRIBUTOS DOS VÍNCULOS DAS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS DAS DOMÉSTICAS.....	233
10.1 “O QUE É QUE MINHA REDE DE RELAÇÕES PODE FAZER POR MIM?”: REDES E CAPITAL SOCIAL.....	236
10.2 “O QUE EU PRECISO PARA VOCÊ ME AJUDAR?”: ATRIBUTOS E VÍNCULOS DAS REDES DA/NAS MIGRAÇÕES.....	245
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
REFERÊNCIAS	261
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	282
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIDO E ESCLARECIDO	285
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS OFICINAS	286
APÊNDICE C – ROTEIRO DE TÓPICOS-GUIA PARA ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.....	289
	20

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Esta tese expõe os resultados da pesquisa intitulada “*Uma mais uma é sempre mais que duas: Configurações e dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes*”¹. O motivo para a realização da pesquisa na temática da migração e das redes sociais deve-se ao fato de que essa pesquisa é fruto de dados apontados ainda na dissertação de mestrado, intitulada “*Do seu lugar para o lugar dos outros: a migração de mulheres e sua inserção no trabalho doméstico*”, defendida em abril de 2014, no mesmo programa. Naquela ocasião, estudei a migração rural-urbana de mulheres para o trabalho doméstico. Nossa preocupação era pesquisar como um grupo de mulheres migrantes, de uma comunidade rural, domésticas², viviam e explicavam suas experiências de chegar a um novo lugar – a cidade de Montes Claros/MG, e como deste se apropriaram. Interessava-me identificar as particularidades dos modos de integração ao mercado de trabalho e à cultura da cidade em geral. Acabei identificando que havia uma rede de parentescos/ amigos que influenciava na decisão da efetivação do processo migratório.

Em função disso, em 2015, ingressei no curso de doutorado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros,

MG, que tem como área de concentração o Desenvolvimento Social e duas linhas de pesquisa – “Movimentos Sociais, Identidades e Territorialidades” e “Relações Socioeconômicas e Estado”. A comunhão das duas áreas alcança tanto a dimensão da ação dos atores quanto do Estado e contribuem para as discussões sobre as migrações, as redes e os processos de desenvolvimento como tal. Ainda corrobora para compreender a migração de mulheres para outras regiões como um fenômeno que merece atenção pela repercussão social, econômica e cultural, regional e, principalmente, porque se trata de um grupo social vulnerável, suscetível a vários tipos de violência, principalmente o trabalho escravo e a exploração sexual (C. QUEIROZ, 2015).

Assim, com o intuito de aprofundarmos na análise do processo migratório feminino, uma questão passou a nos desafiar: compreender a relação entre redes sociais e a dinâmica

¹ A pesquisa é vinculada ao OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco/CNPq e está inserida no projeto temático: “*Do sertão para outros mundos*”: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais”, que conta com o apoio da FAPEMIG/CNPq e é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andrea Maria Narciso Rocha de Paula.

² Adota como categoria analítica a doméstica, embora, em virtude da aprovação na legislação brasileira da Emenda Constitucional nº 72 de 2013, houve uma redefinição das relações de trabalho doméstico no Brasil, despertando a necessidade de uma melhor compreensão destas mudanças no mundo do trabalho, investigando as novas formas de exploração e as conquistas deste segmento ocupacional. Assim, a ida a campo priorizou a categoria nativa da declarante.

migratória das domésticas através da análise *das/nas* redes sociais. O objetivo geral desta tese é, portanto, compreender a dinâmica migratória das domésticas através da análise das redes sociais. O que procuro explorar pelos dados quali-quantitativos são as redes sociais das domésticas migrantes do Norte de Minas Gerais e qual lógica particular da articulação desse grupo social? Compartilho da ideia de Assis (2003), de que as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois se constituem em capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade. Mais do que isso, as redes sociais são tecidas ao longo do processo migratório e não cessam com a chegada de migrantes ao seu destino. Há, portanto, relações de solidariedade, dádiva, reciprocidade, que essas migrantes constroem entre a origem e o destino, mas, também ao longo desse trecho e que vão auxiliar nos primeiros momentos da vida em um novo lugar.

Nosso estudo compreende a configuração, formação e os conteúdos de duas redes de domésticas migrantes, isto é, uma rede de produção de movimentos, que se estende das zonas rurais dos municípios mineiros de Mirabela e São Francisco para a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, e as capitais de São Paulo e Brasília (redes *da* migração). A outra rede

são mulheres que estão em fase cumprida de migração, oriundas de cidades próximas e zonas rurais para a cidade de Montes Claros, residindo no bairro Village do Lago I (redes *na* migração). Há, portanto, distinções quando se fala de redes sociais e migração: redes sociais *na* migração e redes sociais *da* migração. A primeira está ligada ao conteúdo do migrante e suas diversas interações presentes no processo social da migração (interpessoal). Já a segunda vincula-se aos recursos disponíveis para agir em contextos de deslocamento, tais como: capital social, capital migratório e cultura migratória³. “O conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações” (TRUZZI, 2008, p. 214), compreensão pertinente ao enfoque que procurei adotar neste estudo.

Em suma, as indagações de pesquisa que se colocam são: como acontece a configuração, formação e manutenção das redes sociais das domésticas migrantes? Quais interações, relações sociais, conteúdos são experienciados para uma configuração da rede social de migração de domésticas? Porque as redes são importantes nos processos migratórios das mulheres? Qual o papel desempenhado pela doméstica migrante nessa rede? As redes são

³ Para Truzzi (2008), as migrações locais parecem, assim, ter contribuído para a formação de uma cultura migratória. Cito a região de Governador Valadares, o sertão Norte Mineiro, como exemplos de redes migratórias baseadas em relações de parentesco, amigos e conterrâneos. A cultura de migrar facilitou o deslocamento interno no Brasil, em que parentes, conterrâneos e ex-migrantes agem como uma corrente transmissora de informações, recursos, capital migratório (*know-how* da migração) alimentada pelo capital social de reciprocidade e solidariedade.

utilizadas para direcionar, regular, influenciar e controlar os circuitos migratórios das domésticas?

Essas interrogações têm por base os seguintes objetivos específicos: verificar o papel das redes sociais entre as domésticas migrantes a partir de suas famílias; analisar a construção e a interação em rede, especialmente através das relações sociais históricas efetivadas no cotidiano por meio dos contatos, dos vínculos e dos apoios e ajudas; descrever os recursos acionados pelas redes dessas domésticas e caracterizar a morfologia das redes sociais das domésticas migrantes.

Nesta empreitada analítica, guio-me pelos pressupostos iniciais de que as domésticas migrantes movem redes sociais caracterizadas por trocas de informações, apoio, ajudas e serviços que substituem ou complementam ações de amparo social, de convivência e de inserção no mundo do trabalho, uma vez que suas redes tende a ser encapsuladas (fechadas)⁴ ou não. A questão central da tese é: qual a configuração e as dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes? E por que as redes sociais das domésticas *na* migração são

redes restritas e as redes sociais *da* migração são nutridas pela experiência do trabalho? A hipótese seguida é de que as redes são fechadas com fortes laços de identificação, pertença e rápido acionamento.

Do ponto de vista metodológico, para se atingir a prossecução da verificação dos objetivos propostos, segue-se uma abordagem sincronizada entre o modelo analítico formal das redes sociais, através do *software Gephi 0.9.2*⁵, e uma abordagem qualitativa baseada em entrevistas em profundidades, observação direta e em oficinas como técnica de coleta de informações, para refletir com as vozes das participantes dessa pesquisa, combinada com o modelo da rede social proposto por Sluzki (1997), que inclui pessoas de referência que fazem parte da rede social pessoal significativa.

Para aproximações ao entendimento da realidade social ressignificadas pelas experiências migratórias dessas domésticas, apoiei-me no contexto teórico-analítico, em que tomei como relevante os laços sociais e seus conteúdos (dádiva, reciprocidade e capital social) e como estes integram ao processo de migração. Woortman (1990) e Garcia Jr. (1989) entendem migração como importante estratégia para a reprodução social do grupo. Consoante Menezes

⁴ Mais adiante será discutido sobre as tipologias das redes.

⁵ O *software Gephi* é uma plataforma *open source* para a visualização e manipulação de grafos dinâmicos e hierárquicos, incluindo todos os tipos de redes e sistemas complexos. O usuário tem autonomia para modificar o visual e interagir com a estrutura das redes. É possível adicionar filtros destacando aspectos desejados, podendo exportar o resultado final em SVG, PNG ou PDF. Sua principal função é servir como método de análise de dados, elaboração de hipóteses, descoberta de padrões sociais e de comportamento e isolamento de estruturas importantes dentro de redes hierarquizadas. Também é largamente utilizada na visualização de redes de relações entre indivíduos e dos conteúdos que (re) produzem (MARQUEZ et al., 2013, p. 3).

(2002), a migração representa a oportunidade de saírem da sujeição. Woortman (1990) acrescenta ainda que a migração é também responsável pela constituição da rede social de apoio. Sayad (1998) evidencia que o imaginário de migrantes sobre o local de destino é construído, principalmente, através dos relatos contados pelas migrantes que voltam. Portanto, as ideias desses(as) autores e autoras coadunam-se no sentido de que as redes sociais sejam calcadas nas fontes de informação, nos recursos e nas viagens. Assim, a migração é pensada como estrutura comunitária que circula, uma vez que as unidades efetivas da migração são os conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporaram o destino nas alternativas de mobilidade por elas consideradas (CESM, 2014).

Abordo, neste trabalho, aquela migração que é feita com finalidade laboral, ou seja, das migrações ditas “econômicas”, vinculada à mobilidade *para e pelo* trabalho. Trata-se, assim, não de uma mobilidade realizada “por cima”, aquela feita por trabalhadores

qualificados, por exemplo, mas de uma mobilidade feita “desde baixo”, já que me refiro a domésticas migrantes, que são tidas como “não qualificadas”, o que as impede até de tentar algum trabalho no seu local de origem (SALATA, 2017).

Logo, migração não é um fenômeno assexuado. O primeiro autor a mencionar o papel da mulher nos processos migratórios foi o demógrafo Ernst Georg Ravenstein⁶, pioneiro na elaboração de um modelo explicativo das migrações, ainda no século XIX, desenvolvendo um conjunto de leis que sustentavam a explicação das migrações como uma combinação de fatores de atração e de repulsão. E dentro do conjunto de leis por ele elaboradas, uma delas refere-se diretamente à migração feminina, postulando que as migrações de curta distância são majoritariamente constituídas por mulheres. E, mesmo assim, as teorias migratórias posteriores ainda seguiram negligenciando a visibilidade da mulher. Por que a migração feminina seguiu sendo vista como migração familiar e não enquanto migração autônoma?

Para responder a essa pergunta dois fatos são notórios. Um deles é que até a década de 1970 a migração masculina era dominante. O segundo é que as perspectivas feministas nas Ciências Sociais emergem após a década de 1970 e início da década de 1980, introduzindo nas

⁶ Ravenstein (1885) procurou enunciar leis gerais que regiam as migrações a partir da análise dos dados dos Censos de 1871 e 1881, na Inglaterra. Para levar a cabo essa tarefa, o autor partiu dos seguintes pressupostos: a) há uma estreita relação entre os movimentos migratórios e o desenvolvimento do capitalismo; b) tanto a população quanto as atividades econômicas estão espacialmente distribuídas de forma desigual, havendo regiões com excedente de mão-de-obra e outras com escassez, o que levaria à existência de áreas de absorção (centros comerciais e industriais) e áreas de dispersão de mão-de-obra (regiões agrícolas); c) o principal elemento motivador dos movimentos migratórios é a procura por mão-de-obra nos grandes centros industriais; d) os migrantes se deslocam buscando melhorar a sua situação material. Ravenstein (1885) enumera, então, as suas leis sobre a migração, que, embora tenham sido contestadas – ou melhor elaboradas – por outros teóricos, não deixam de representar um primeiro passo na tentativa de se compreender os elementos motivadores da migração (SANTOS et al., 2010).

migrações a análise da posição das mulheres na estrutura social e das relações de gênero como ator central. Até então “as mulheres eram vistas dentro do processo migratório a partir de um olhar estereotipado como aquelas que se inserem no processo de deslocamento para acompanhar os maridos ou reencontrá-los nos países de destino” (BINGEMER, 2006, p. 2).

A história e a sociologia das migrações têm ao menos três causas da invisibilidade da mulher na produção do conhecimento. A primeira, de ordem geral, é de que a história e a sociologia foram maioritariamente produzidas por homens que sempre falam da sociedade ignorando a dimensão da diferença sexual. A segunda relaciona-se com a persistente ilegitimidade das mulheres no mundo do trabalho assalariado (COELHO, 2000). E, finalmente, o trabalho doméstico é tido como invisível para o arcabouço do computo do

trabalho dispendido para garantir a reprodução dos membros da família.

As migrações contemporâneas têm produzido um novo olhar para as novas/ velhas mobilidades, mais do que pensar geograficamente, mas também na diferenciação de gênero. Dados da Organização das Nações Unidas (2015) revelam que 3,3% da população mundial são migrantes internacionais. As mulheres representam 48% dos(as) migrantes internacionais. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima em 2,5 milhões, de trabalhadores(as) domésticos(as) na União Europeia, dos(as) quais, 88% são mulheres. Esses dados revelam uma crescente tendência da feminização da migração laboral. Na América Latina e no Caribe, 53%, dos(as) migrantes em idade ativa (entre 20 e 64 anos) são mulheres, sendo que as migrantes trabalhadoras domésticas representam 35% na região (OIT, 2016).

No Brasil, em 2015, o contingente de trabalhadores(as) domésticos(as) era de 6,2 milhões, sendo 5,7 milhões de mulheres. Dessas, 3,7 milhões eram negras e pardas e 2 milhões eram brancas. O nível escolar das brancas evoluiu para 6,9 anos de estudo, enquanto que, no caso das afrodescendentes, chegou a 6,6 anos. A formalização de fato aumentou em um ano. Os(as) trabalhadores(as) domésticos(as) com carteira assinada subiram para 32,3% no primeiro trimestre de 2015, contra 31,5% de 2014, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, embora, não se tenham dados que especifiquem internamente quanto desses(as) empregados(as) domésticos(as) são migrantes internos. Dados mais recentes, segundo a OIT (2017), revelam que no país havia sete milhões de pessoas empregadas no setor – o maior grupo no mundo. São três empregados(as) para cada grupo de 100 habitantes. E a liderança brasileira nesse *ranking* só é contestada pela informalidade. Em 2017, o trabalho doméstico respondeu por 6,8% dos empregos no país e por 14,6% dos empregos formais das mulheres (WENTZEL, 2018).

25

Ao abordar a migração de mulheres domésticas migrantes, justamente este tipo de mobilidade, parece necessário compreender que a migração é vista geralmente como alternativa para suplantare situações de pobreza e de exclusão do mercado de trabalho. As domésticas percebem isso muito antes de decidir migrar e assim o fazem por meio das redes de apoio entre elas ou acionam parentes, vizinhos, amigos e conterrâneos. Uma filha mais velha de uma família pobre cuida de seus irmãos, enquanto a mãe trabalha como doméstica cuidando dos filhos da patroa. Para Hochschild (2003), cada tipo de corrente expressa uma ecologia invisível de cuidados, uma trabalhadora de cuidados, dependendo de outra e assim por diante.

Nesse sentido, o tema da feminização das migrações que ganhou relevância. Ao longo dos últimos anos, vem acompanhado do aumento do espriamento feminino que é feito

com base em processos de informalização, flexibilização e precarização do trabalho das mulheres. Ou seja, na produção da informalidade, do trabalho e da migração, que fazem parte do trabalho do *care*⁷ mundializado no sistema capitalista neoliberal⁸.

Ehrenreich e Hochschild (2002) apontam o crescente deslocamento de mulheres de países pobres para países ricos, onde elas trabalham como babás, empregadas domésticas, diaristas e trabalhadoras do sexo. A OIT (2016) identificou que a maioria dessas trabalhadoras que migram para o trabalho doméstico o fazem de países vizinhos, como é o caso da América Latina, de peruanas no Chile, paraguaias na Argentina e Brasil; na África e Europa igualmente. Embora, outros movimentos comuns, também são encontrados da “migração entre sub-regiões (do sul da Ásia para o Leste Asiático e do Sul-Ásia Oriental) e, finalmente, por fluxos inter regionais (da Ásia e da África aos Estados árabes, e do latim América, África e Ásia para a Europa e para a América do Norte)” (OIT, 2016, p. 11). Isso configura, atualmente, um dos eixos diferenciadores das migrações contemporâneas, com o aumento da independência e dos projetos autônomos das mulheres.

Portanto, o espaço da pesquisa é a região Norte de Minas Gerais, considerada como “região mineira do Nordeste”, que teve seus projetos desenvolvimentistas preconizados pela

⁷ O termo *care* é dificilmente traduzível, porque é polissêmico. Cuidado, solicitude, preocupação com o outro, estar atento a suas necessidades, todos esses diferentes significados estão presentes na definição do *care*. Alguns estudos têm relacionado ao trabalho domiciliar (doméstico, cuidador de idosos, cuidador de crianças, etc.) Trata-se de oportunidades de emprego relacionadas a tarefas naturalizadas confinadas a mulheres no espaço doméstico. No Brasil, é representada em sua maioria por domésticas, babás e cuidadoras domiciliares, mas, igualmente, há uma exportação global dessa mão de obra inserindo-a nas rotas migratórias tanto interna (Nordeste-São Paulo) quanto internacionalmente (Sul-Sul, Sul-Norte) (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011).

⁸ Propõe a reformulação das funções do Estado, resgatando a ideia de Estado Mínimo e de livre mercado, donde, de forma implícita está contida a noção de tendência ao equilíbrio. O mercado como sendo o espaço da produção e reprodução do capital sem a interferência política do Estado, ou seja, como espaço de neutralidade ou extra político por excelência (LEME, 2010).

Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)⁹ pautados na mercantilização da terra, assalariamento das relações de trabalho e projetos de mineração (excludente, agro minero-exportador). Na imensa maioria, as consequências desses projetos é o chamado “deslocamento compulsório”: migração forçada de grupos situados nas áreas de instalação de tais empreendimentos (GUEDES, 2012).

O Norte de Minas possui características vegetais, climáticas, econômicas e sociais muito similares à região Nordeste do país. Paula (2003) denominou-a de região mineira do Nordeste, elencando os vários processos sofridos pela dinâmica de ocupação,

desenvolvimento e organização produtiva. A ocupação e o desenvolvimento da região Norte de Minas Gerais são marcados, segundo Batista (2010), pelo predomínio de uma pecuária extensiva, pela agricultura de autoconsumo e pela modernização dos grandes projetos agropecuários incentivados pela SUDENE. Os poucos parques industriais instalados na região, sobretudo, a partir da década de 1960, sob os incentivos da SUDENE, concentraram-se nas sedes urbanas de alguns municípios da região, como Montes Claros.

Neste cenário, as expressões do sistema capitalista de produção constituíram um tempo de profundas transformações no modo de vida rural/camponês. Este, ligado a um sistema de produção para o bem-estar social das famílias e das comunidades, baseado em relações de parentesco e compadrio, foi sendo desapropriado para um sistema de organização social desintegrado e desestruturado onde as relações sociedade e natureza residem. A intervenção estatal, liberando áreas para ocupação de grandes empreendimentos econômicos, criou um cinturão de terras, com muitos agricultores submetidos ao êxodo rural, o que acentuou o processo de concentração de terras (PAULA, 2003).

A possibilidade encontrada para garantir sua reprodução e permanência no meio rural é terem uma renda “suplementar”, geralmente das contribuições de um membro da família em carreira migratória para trabalhos temporários¹⁰. Migram porque a terra não produz mais; do mesmo modo que não se produz mais porque não tem mais gente no lugar. Logo, as chances objetivas de reprodução do grupo “pertencente ao pequeno campesinato são restritas localmente, o que contribuiu para a diminuição do ‘valor social’ dos jovens nesse ambiente e a consecutiva migração das mulheres” (JACQUET, 2003, p. 173).

⁹ Na SUDENE, o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) foi criado para desenvolver o Nordeste Brasileiro tendo à frente o economista Celso Furtado, que não cumpriu as metas deste documento. Seu foco era combater a “indústria da seca” via integração competitiva, inclusive do Norte de Minas Gerais (PAULA, 2003).

¹⁰ Há trabalhos que vinculam a migração temporária ao trabalho sazonal nas regiões canavieiras e plantações de batata em São Paulo, Vale do Jequitinhonha, Goiás, etc. (GALIZONI, 2000, MAIA, 2000, BATISTA, 2010).

Em relação às mulheres migrantes, Batista (2010) evidenciou um tipo de mobilidade recorrente pela saída das moças para trabalhar como domésticas do Norte de Minas. Essas moças são de famílias pobres, que não possuem fonte de rendimento estável e vêm de grupos não-proprietários da terra. A condição de pobreza, somada à dificuldade de obter trabalho na comunidade ou no município, seja pela falta de vagas, seja pelos baixos salários, impõe a essas mulheres a saída para o trabalho em “casas de família¹¹”.

Ao constatar esse fluxo migratório, Jacquet (2003) mostra que o êxodo rural, que alimenta o crescimento da população urbana, é um fenômeno majoritariamente feminino. No

que diz respeito às domésticas brasileiras, verifica-se que elas participam ativamente do desequilíbrio entre os sexos, pois na população urbana dos diferentes Estados do Brasil nota-se uma estreita correlação entre o excedente feminino e a presença de domésticas.

Assim, diante das discussões de gênero que são suscitadas para pensar a migração de mulheres do Norte de Minas, desejei evitar, como salienta Salata (2017), que um dos desdobramentos deste trabalho fosse corroborar algumas visões que tendem a ver na mobilidade desses grupos apenas os reflexos de determinados modelos de desenvolvimento econômico, ou da dominação social à qual possam estar sujeitos. Tratar a mobilidade feminina apenas a partir desta chave analítica pareceu-me, ao longo de minha trajetória de estudos e de trabalho em campo, um desrespeito às concepções destas mulheres, que produzem e dão sentidos às suas interpretações e às suas experiências de deslocamentos.

Maia (2018), em seu artigo “Bravas e insubmissas: mulheres e gênero na literatura memorialista do sertão norte-mineiro”, afirma que, no Norte de Minas, o patriarcado não se sustenta enquanto relação de poder entre os gêneros como em outras regiões do Brasil e do mundo. A ideia de patriarcado vem de uma sociedade burguesa, branca e elitista. No Norte de Minas, encontramos comunidades cujas lideranças são compostas por mulheres, negras, de comunidades quilombolas e outras populações tradicionais. Elas seguem à frente de muitas comunidades, em posições hierárquicas aos homens, sendo tomadoras de decisão, autônomas e gerindo a economia doméstica das unidades familiares. Talvez, por isso, a mobilidade para o trabalho doméstico nas cidades se configure como modo de reprodução da vida.

É justamente aqui que reside meu argumento de perceber as experiências e formas de insubmissão dessas mulheres em contextos de migração tradicionalmente marginalizados, como afirma Maia (2018, p. 367), que:

¹¹ Essa expressão corriqueiramente é admitida quando se pensa na figura da doméstica, ao longo da tese ela aparecerá como narrativa na fala das domésticas. Ao abordá-la, assumo que é uma fala das próprias domésticas, e, que a casa delas também são “casas de famílias” e não expressa o termo sociológico pejorativo que pode pressupor.

[...] permitem questionar representações hegemônicas do feminino, bem como abordagens teóricas universalizantes. É nas brechas desses discursos, no *space-off* [Espaço livre] de suas representações, que busco identificar e entender a movimentação, os deslocamentos e as insubmissões das mulheres (MAIA, 2018, p. 367).

Entendo este movimento como parte integrante dos processos de estratégias de desenvolvimento das mulheres, em que estas são agentes e utilizam as redes de apoio mútuo

para se empoderarem, de alguma forma. De acordo com Narciso e Henriques (2008), as mulheres e as relações de gênero desempenham papéis importantes nos processos de desenvolvimento. Em relação ao gênero, as mulheres condicionam o desenvolvimento para além do fator econômico, mas diferenciam na distribuição do trabalho, do rendimento, da riqueza, dos fatores produtivos e dos recursos naturais. A importância das mulheres não se limita à participação nas atividades econômicas, estando também intimamente ligada aos costumes, tradições, valores e manutenção da provisão do bem-estar no interior de suas famílias.

Nesta tese, adoto o termo migrante interna referindo àquela mulher que alterou sua residência originária por um período de cinco anos ou mais, dentro do próprio país, podendo ser: intrarregional ou interestadual, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Especificamente, no que tange às domésticas migrantes internas, soma-se o processo da feminização, tendo-o como lacuna na literatura do Norte de Minas e também adotando como princípio de análise os fenômenos migratórios contemporâneos e suas aproximações na questão de gênero. Diante dessas constatações, perfazendo suas trajetórias migratórias, as mulheres lançam outras maneiras de viver, ao mesmo tempo adotando outras culturas e mantendo valores frutos do lugar de origem os quais. No entanto, são moldados com base nas novas experiências, no novo cenário social e cultural ao qual são submetidas.

Significa dizer que, ao estarem longe dos seus afetos, suas histórias, elas conseguem refletir e enxergar suas vidas de uma forma diferente e, por isso, as ressignificam, reconhecendo outras fases de si próprias que no âmbito do processo de migração elas conseguem descobrir. Nessas novas e outras formas de viver e de “ler” o mundo, as mulheres migrantes desenvolvem estratégias de sobrevivência, de resistência, por isso, partimos do entendimento das mulheres migrantes como agentes de transformação, autonomia, independência financeira e empoderamento, dentro de uma sociedade patriarcal marcada pela divisão social e sexual de papéis e para isso se articulam em redes de apoio social (CSEM, 2014).

29

As redes sociais constituem-se como os principais focos de informação acerca das potencialidades oferecidas pelas regiões onde estão instaladas. De fato, as migrantes caracterizam-se por manter fortes contatos com sua comunidade de origem. As redes, portanto, desempenham papel relevante na rota de migração das domésticas.

Esse trabalho é composto por essas notas introdutórias seguidas da sessão sobre os caminhos metodológicos, através dos procedimentos e das entradas para realização da pesquisa. Os caminhos empírico e institucional, sob a forma de narrativas do próprio percurso

da pesquisa. Em seguida, realizo uma discussão teórica em diálogo com os limites e desafios da pesquisa de campo. Apresento, ainda, lugares da pesquisa, quem são as participantes da pesquisa, perfil sociodemográfico, características das duas redes pesquisadas e, finalmente, questões a respeito da maneira como as interpretei.

A seguir, as três partes que estruturam a presente tese:

- Na “Primeira parte – Migrações, sociedade em rede, relações de trabalho e gênero”, busquei refletir sobre a invisibilidade dos estudos migratórios e a incorporação do gênero, aliando a migração feminina com relações de trabalho, gênero e redes sociais, com base na pesquisa e análise bibliográfica. É composta por três capítulos. No primeiro, analiso as teorias migratórias e as relações das mulheres e migração e finalizo com a teoria das redes sociais. No segundo capítulo, proponho discutir os contributos teóricos sobre o trabalho da mulher. Afinal, trabalho doméstico é trabalho feminino? Ainda analiso como a migração de mulheres torna-se possível devido à sua conexão das redes sociais. Essa primeira parte finaliza-se com o tema migrações sertanejas, dando especial atenção aos lugares de pesquisa – o Norte de Minas.
- Na “Segunda parte – Morfologia das redes sociais das domésticas migrantes”, apresento em três capítulos as análises dos resultados da pesquisa empírica. Começo a narrativa pelos relatos das oficinas, apresentando a produção texto-visual dos Mapas de Redes Sociais e finalizo com o sociograma do sistema migratório da rede pesquisada. Para tanto, estabeleci um diálogo com algumas interpretações sobre as tipologias de redes sociais e sua configuração visual e estrutural, saindo da ideia da metáfora para a de substância.
- Na “Terceira parte – Conteúdo das redes sociais das domésticas migrantes”, exploro em dois capítulos recursos, dádivas, reciprocidade, apoios, atributos, funções e a construção dos laços capilarizados pelas redes pesquisadas. No capítulo das normas, volto a olhar para as condições e obrigações. Quais seriam as funções dessas redes e como se

30

constroem os laços para a integração das domésticas no processo migratório? No capítulo que fecha esta tese, procuro identificar os atributos e os vínculos das redes e o capital social.

- Nas conclusões, registro minhas considerações, meu êxito na persecução dos objetivos, minhas limitações, pontuações para continuidade do estudo e digressões. Aponto,

ainda, futuros investimentos analíticos a partir dos resultados alcançados, lembrando que os compreendidos pela pesquisa não são conclusivos.

Assim, ressalto que o estudo realizado possibilita expandir na compreensão os processos migratórios de domésticas, na constituição dos espaços de vida dessas migrantes e nas redes que são formadas e que se formam nas travessias migratórias, fortalecendo laços, auxiliando na permanência das famílias, criando novos arranjos familiares, que modificam hábitos, costumes e relações. São entre e com as pessoas que as migrações fortalecem a busca, a espera por novos dias nos lugares da vida. A esperança é mais espera... Mas a travessia só começa...

31

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste item, são apresentadas as razões da escolha da metodologia de cunho qualitativo para obtenção das informações, os métodos e instrumentos utilizados, os critérios para seleção das participantes, locais da pesquisa e os caminhos para operacionalizar tanto a construção de informações quanto o tratamento dos dados sobre as redes sociais. Para alcançar o objetivo deste trabalho, foram aplicadas duas abordagens metodológicas, sendo a primeira, qualitativa, que utilizou dados de natureza primária, contando com revisão, análise bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa em campo – com entrevistas em profundidade, observação direta e a realização de oficinas¹². As oficinas de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico” tratam-se de um lugar de fala, de vozes, cujos objetivos são promover a visibilidade do trabalho doméstico, das trocas experienciadas em contexto de vida e trabalho na migração. Na abordagem quantitativa, empreguei dados utilizados do *software Gephi 0.9.2.*, especialmente desenvolvido para o estudo e a análises de redes sociais, permitindo cálculos específicos como centralidade, densidade da rede, número de componentes, reciprocidade, intermediação, proximidade, etc.

A combinação de métodos na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas, segundo Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007, 123, tradução nossa): “revelam um tipo de pesquisa em que o pesquisador ou equipe de pesquisadores combinam elementos qualitativos e quantitativos na abordagem de pesquisa¹³ para ampliar os propósitos e profundidade de compreensão através da complementaridade”. Nesta perspectiva, a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos (grafos) e uma análise processual mediante métodos qualitativos (observação direta, entrevistas em profundidades e oficinas). As abordagens

quali-quantis complementam-se, na medida em que representam palavras e números, no caso deste estudo, forma e conteúdo, duas linguagens essenciais da comunicação humana.

A abordagem qualitativa foi a que nos proporcionou maior compreensão na construção de dados que caracteriza-se, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo

¹² As oficinas de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico” tratam-se de um lugar de fala, de vozes, cujos objetivos são promover a visibilidade do trabalho doméstico, das trocas experienciadas em contexto de vida e trabalho na migração. Ver Capítulo 4.

¹³ Por exemplo, uso de pontos de vistas quantitativos (*softwares*, fórmulas matemáticas), coleta de dados (entrevistas *survey*, questionários), análises, técnicas de inferência.

32

em uma série de representações”. A pesquisa qualitativa tem como foco a interpretação do universo de vida cotidiana dos sujeitos. Captar os diferentes sentidos e significados auxilia na compreensão da relação entre o indivíduo e seu contexto. Nesse sentido, Denzin e Lincoln (2006) dizem que a pesquisa qualitativa é vista como o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual, e a ação e a cultura se entrecruzam.

A temática da migração feminina segue o ponto de vista de Pereira (2006), nomeadamente sobre suas causas e consequências, permitindo identificar a existência de perspectivas distintas de abordagens e agrupá-las em três grupos de perspectivas: estruturalistas, funcionalistas e integradoras.

As perspectivas estruturalistas para estudo da migração defendem que os condicionalismos estruturais determinam e constroem o indivíduo, não dando espaço à ação individual. Por oposição, as abordagens funcionalistas, colocam a ênfase no indivíduo, secundarizando a importância dos fatores de ordem estrutural. Finalmente, as abordagens integradoras procuram conciliar as perspectivas estruturalistas com as funcionalistas e encontrar uma unidade de análise que faça a ligação entre ação e estrutura (PEREIRA, 2006, p. 12).

O conceito de agência surgiu como artefato analítico de vinculação entre essas. Assim, optamos por uma abordagem integradora que tivesse como elemento central o conceito de agência¹⁴. A relevância deste conceito coaduna-se ao fato de não dispensar a reflexão sobre meios de ordem estrutural e sobre a ação individual, para o caso da migração feminina.

Ao abordar como a família e seus arranjos veem a migração de mulheres (filhas, esposas, meninas) para o trabalho doméstico exponho uma rede de relações sociais baseadas na confiabilidade, na troca de informação e na integração. Nesse sentido, identificam-se as

motivações individuais, as relações familiares, a origem social e cultural, as interações dentro e fora do grupo social, as referências de *status* associadas à sua profissão e condição de migrantes, o ambiente urbano presente e o passado, num marco de relações sociais que designam um lugar social ao trabalhador migrante, se apresentam como elementos que concorrem para a produção do espaço dessas migrantes. Desse modo, o sertão e seus moradores

¹⁴ Agência compreendida como a capacidade de resposta às expectativas decorrentes de uma determinada representação das mulheres, sendo que as redes são recursos que, no espaço migratório, podem ser otimizados para a ação individual. E como constrangimento social, a segmentação do mercado de trabalho e a divisão do trabalho reprodutivo – trabalho doméstico. Cabe ressaltar que, com o conceito de capital social de Bourdieu (2001), confere-se algum grau de agência ao indivíduo, ao apreendê-lo como capaz de identificar e acumular riquezas (capitais) valorizadas nos campos em que age, podendo, assim, melhorar sua posição nesses campos. Já em Giddens (2009), um agente é aquele que tem poderes causais, incubindo-o de influenciar os poderes dos outros. Contudo, os indivíduos agem sempre em contextos nos quais estão presentes regras e recursos que possibilitam a “existência de práticas sociais discernivelmente semelhantes por dimensões variáveis de tempo e espaço” (GIDDENS, 2009, p. 20).

33

fazem o lugar, mas as apropriações dos espaços e dos territórios modificam a vida e provocam as migrações. Propomos assim pesquisar e aprofundar nesse contexto as migrantes norte mineiras.

Nos dias atuais, a sociedade figura-se em uma ruptura dos modelos de organização coletiva, segundo Monteiro (2004), que adverte para a quebra dos laços sociais estruturantes que perderam eficácia, legitimidade e valor simbólico, refletida numa incapacidade do todo social em integrar uma parte dos seus membros, por sua vez dedicados a uma deriva que oscila entre a desinserção e medidas reparadoras de sucesso variável. O Estado-providência tem sido objeto de dúvidas frequentes a respeito do seu papel regulador social e de garantia de segurança, proteção e coesão social. Uma sociedade em que a flexibilização e o caráter precário dos estatutos associados ao trabalho põem em causa esse “emprego” como principal denominador da integração social (MONTEIRO, 2004).

Entretanto, na ausência de programas governamentais de recrutamento de força de trabalho e num contexto favorável de oportunidades de emprego no destino, sem que se avalie os tipos de oportunidades, é admissível que exista uma junção forte entre o processo de recrutamento de domésticas para os fluxos migratórios internos e internacionais e as redes sociais dessas migrantes e potenciais migrantes com o capital social que mobilizam e outros suportes sociais. Para Pinho (2015, p. 83), “estas redes sociais podem ser entendidas como equivalentes funcionais de outro tipo de recrutamento, numa perspectiva relacional do estudo das migrações. O recrutamento pode ser explicado com a perspectiva da análise de redes

sociais”.

Neste cenário, Decimo (1998) aponta em seus estudos com imigrantes somalianas, em Nápoles, na Itália, que para resolver as dificuldades materiais e morais que afligiam suas vidas cotidianas, as mulheres construíram uma complexa rede de solidariedade que as sustentaram em momentos de dificuldades. Esses cruzamentos permitiam a comunicação e o intercâmbio onde um vazio social e econômico poderia existir. Além disso, as mulheres demonstram que conseguem articular o trabalho com uma série de atividades reprodutivas necessárias para manter os membros da família na força de trabalho. Em ambos os casos, as mulheres emergem como articuladoras de redes sociais, conforme afirma Assis (2003, p. 205):

Constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural. Enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também

34

vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres se inserem ativamente.

Embora a Teoria da Escolha Racional¹⁵ considere que, dentre as muitas oportunidades, as pessoas escolhem a que melhor lhes atendem, a ação social racional é entendida com relação a fins. Portanto, as redes sociais estariam no plano da decisão racional da migração como estratégia de sobrevivência e também como única alternativa para essas mulheres migrarem. Para sanar algumas indagações, consulto o conceito de redes sociais preconizado por Portugal (2006, p. 137), que diz: “a abordagem a partir da análise de redes sociais permite passar do nível macro ao nível micro, das estruturas sociais à ação individual”.

Ou seja, permite-se discutir o modo como se articulam sistemas de obtenção de trabalho doméstico remunerado não apenas em função das mudanças na estrutura da oferta desses postos, ou da variada natureza dos atributos individuais das domésticas que pleiteiam, mas como estão associadas, como se pretende demonstrar nesta pesquisa. A configuração, a forma e o conteúdo das redes em que as mulheres migrantes se inserem serão o cerne da questão central do argumento aqui desenvolvido. Refletiremos sobre o modo como as relações são apresentadas, mobilizadas e negociadas nas situações de procura e indicação por trabalho, apoio e reciprocidade entre as domésticas migrantes internas.

2.1 CAMINHO INSTITUCIONAL

Durante o curso de mestrado, em que estudei as migrações de mulheres para o trabalho doméstico remunerado na cidade de Montes Claros/MG, as redes já apareciam como importante laço de apoio social para essas mulheres que vinham de comunidades rurais e procuravam se estabelecer na cidade. A partir daí, surgiram as inquietações que culminariam no projeto de doutorado: “*Uma mais uma é sempre mais que duas*: redes sociais de domésticas migrantes”. Assim, delineou-se uma questão problema de pesquisa social. Entretanto, foi preciso também criar uma rede de suporte acadêmico para avançar no debate sobre as redes sociais nos processos migratórios.

¹⁵ Essa teoria é aplicada aos estudos migratórios baseada na teoria da ação social proposto por Weber (1998), sendo que a guinada por uma ação racional leva em consideração não apenas princípios econômicos, mas, está intrinsecamente relacionado com as expectativas de pertencimento a um determinado grupo. Assim, nos estudos sobre migração, a decisão de migrar e o processo de inclusão do migrante na sociedade receptora toma corpo a partir das redes e das relações sociais e não como decisão individual.

35

A primeira incursão foi realizar uma disciplina isolada no Programa de Pós Graduação em Demografia, na Universidade Federal de Minas Gerais, – a disciplina Métodos Qualitativos aplicados à Demografia¹⁶, da Prof.^a Dr.^a Paula Miranda-Ribeiro, que trouxe proximidade com as técnicas qualitativas aplicadas ao tema da migração.

Em seguida, houve a oportunidade de realizar um estágio de doutorado sanduíche em Portugal. Após realizar contato com a Prof.^a Dr.^a Sílvia Portugal da Universidade de Coimbra, que tem se dedicado a pesquisar redes sociais e produção do bem-estar, prontamente, aceitando-me. Esse estágio teve início em março de 2017 e se estendeu até 30 de outubro de 2017. Entre as atividades propostas por Sílvia para esse período foi que eu assistisse às suas aulas no Programa de Mestrado e Doutorado em Sociologia, na disciplina de Redes Sociais e Ação Local¹⁷, de onde extraí boa parte das referências sobre as teorias e as metodologias sobre Redes Sociais, ancoradas em autores da Antropologia, Economia, Sociologia e da Psicologia.

Uma outra entrada para subsidiar o caminho metodológico da pesquisa foi a inserção no projeto: “*Do sertão para outros mundos*: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais”¹⁸, financiado pela FAPEMIG e CNPQ¹⁹, certificado pela resolução do CEPEX sob o nº. 215/2016, e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (ANEXO 1), inserido no grupo de pesquisa OPARÁ-MUTUM: Grupo de

¹⁶ POP 870 – Métodos Qualitativos Aplicados à Demografia I: este curso tem como objetivo analisar os métodos qualitativos que vêm sendo utilizados na Demografia. O curso se propõe a: (1) tratar dos aspectos teóricos relacionados aos métodos; (2) familiarizar o(a) aluno(a) com trabalhos que utilizam cada um dos métodos discutidos; (3) guiá-lo(a) na combinação de métodos quantitativos e qualitativos.

¹⁷ Objetivos da disciplina: apresentar os principais conceitos e modelos teórico-analíticos da teoria das redes, discutindo a sua importância para a construção de um conhecimento interdisciplinar e para uma (re) atualização conceitual no interior da teoria sociológica. A unidade curricular pretende articular a discussão teórica com a aprendizagem metodológica, fornecendo instrumentos operacionais para a compreensão do funcionamento reticular dos atores sociais e o mapeamento das redes sociais. Pretende-se que a unidade curricular possibilite aos/às estudantes: a) a familiarização com conceitos e modelos da teoria das redes; b) a aprendizagem de metodologias e instrumentos de análise para o mapeamento das redes sociais e territoriais; c) a identificação de diferentes tipos de redes; d) a compreensão do funcionamento reticular dos atores sociais.

Programa da disciplina: explora-se o conceito de rede, a tradição sociológica de análise das redes sociais, a metodologia e as aplicações na análise das redes. Exploram-se ainda alguns conceitos sociológicos centrais como os de comunidade e sociedade, confiança e solidariedade e coesão e integração. São também abordadas as perspectivas sociológicas do capital social e as suas ligações às teorias das redes e ainda a relação entre redes sociais e ação local.

C.f: Disponível em: <https://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/percurso/ucrsal>. Acesso em: 21 set. 2018.

¹⁸ Trata-se do projeto “*Do sertão para outros mundos*”: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais”, já mencionado, mas, que acabou sendo denominado pelos seus integrantes de “Redes” e, assim, toda vez que me referir a ele será por essa denominação. ¹⁹ Foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, conforme determina a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Aprovação CEPEX – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº. 020/2017. Na seção “Lugares da pesquisa”, detalho os municípios selecionados que fazem parte da abrangência do projeto.

36

Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São

Francisco/CNPq, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andrea Narciso – PPGDS/ UNIMONTES.

Este projeto visa a estudar e analisar como ocorrem a formação e a manutenção das redes de relações sociais nos processos migratórios de trabalhadores(as) sertanejos(as), a partir da experiência de famílias que vivenciam a migração rural-urbana para o trabalho nos municípios de origem e em algumas capitais receptoras. Isso se dará através de metodologias de inserção em campo empírico feitas pelas entrevistas em profundidade e oficinas que serão abordadas, adiante.

A inserção no projeto foi fundamental para a execução da pesquisa de campo, pois, da qualificação até a defesa, havia pouco tempo para ingresso ao campo. E como o projeto já estava em curso foi possível ter as primeiras experiências de campo, como a ida a Mirabela/MG com o auxílio de três pesquisadores(as) do projeto – Adinei Almeida Crisóstomo, Ana Flávia Rocha e Lilian Maria Santos – para que pudesse com segurança conhecer os lugares e sujeitos que participariam da pesquisa, assim como, na elaboração das metodologias que utilizamos nesta tese, as oficinas e os mapas das redes sociais.

2.2 CAMINHO EMPÍRICO

Como aponta este estudo, nossa inserção empírica só foi possível pelas redes tecidas do pesquisador. O que se segue não é mera descrição procedimental sobre a inserção empírica, mas a intenção de evidenciar as estratégias empregadas. Essas se deram de três formas diferentes: a primeira, através da ida a campo com os(as) pesquisadores(as) do projeto “Redes”, em visitas às zonas rurais das cidades de São Francisco e Mirabela/MG²⁰; a segunda, com a pesquisadora Lillian Maria Santos ao condomínio Portal das Acácias, no bairro Ibituruna, na cidade de Montes Claros/MG; e, finalmente, ao Centro de Referência de Assistência Social do bairro Village do Lago I, em Montes Claros/MG.

A primeira ida a campo aconteceu entre os meses de março e agosto de 2017, com os pesquisadores(as) do projeto “Redes” que realizaram as entrevistas em profundidade. Já a segunda ida a campo ocorreu entre os meses de abril e maio de 2018, na ida a Mirabela/MG. Do caráter qualitativo deste estudo, estão embasados as entrevistas em profundidades que foram elaboradas de acordo com o interesse da pesquisa, mas que, no decorrer das conversas, se ampliaram. Foram realizadas entrevistas com domésticas migrantes oriundas dos dois

²⁰ Estas cidades foram escolhidas por fazerem parte do projeto “Redes” e onde observou-se maior incidência de mulheres trabalhadoras domésticas.

municípios mineiros pesquisados. Destaco que, na ida ao local de origem dessas migrantes, fez-se claro para mim refletir sobre o universo urbano e rural, mesmo, eu tendo origens rurais. Enquanto pesquisador é uma tarefa complexa indissociável compreender as lógicas desses sujeitos e a formação e o desenvolvimento dessas cidades sem ter em mente o processo de desterritorialização²¹ (HAESBAERT, 1998) e as relações das dinâmicas vindas do campo. A terceira entrada empírica foi no ponto de ônibus em frente ao condomínio de casas Portal das Acácias, no bairro Ibituruna em Montes Claros/MG, durante agosto de 2018. Juntamente com a pesquisadora Lillian Maria Santos, durante o mês, sempre a partir das 15 horas e 30 minutos, nos reportávamos ao ponto de ônibus em frente ao condomínio para abordar algumas domésticas que fossem migrantes e disponíveis para participarem da pesquisa. Conforme apontei, minhas investidas não eram bem-sucedidas, não sei se pelo fato de ser homem, branco ou jovem. A mediação foi realizada por Lillian a quem muitas domésticas se sentiram mais à vontade para falarem.

Nossa ida até esse local tinha o intuito de convidá-las a participarem das oficinas que serão objetos de análise desta tese. Mesmo tendo pouca possibilidade de acesso a elas, tais

conversas foram importantes para minha compreensão desse universo de trabalhadoras. Nesse momento, deixei que minhas percepções aguçassem meus sentidos e passei a interpretar os símbolos e significados daquele espaço: o ponto de ônibus. Uma das primeiras impressões foi a mangueira do condomínio que molhava a grama; passava bem no ponto de ônibus, muitas mulheres tinham seus pés molhados, não tinham como sentar no banco do ponto. Questionei: já que esse horário (15h30 às 16h30) é a saída dessas trabalhadoras, o condomínio não tinha outro horário para molhar a grama?

Outro ponto que chamou atenção foi a indagação por parte de algumas mulheres se erámos fiscais do trabalho. Nesse momento, o desconforto era visível. Mesmo relatando que se tratava de uma pesquisa acadêmica com a finalidade de evidenciar o mercado de trabalho do trabalho doméstico, ainda assim, percebiam-se algumas recusas, silêncios, medos e muitas desconfianças. Nesse ponto, percebi que poderia haver um alto grau de informalidade. Ainda que fosse um condomínio considerado de “alto padrão”, algumas famílias ainda tratam as relações trabalhistas na informalidade. Quando questionadas sobre a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) das domésticas, algumas disseram que: “é mais uma lei que não se cumpre!”. Como muitas dessas mulheres estão há anos trabalhando na mesma casa, há um sentimento de gratidão que obscurece as relações no trabalho. Uma fala chamou a nossa

²¹ Para esse autor as redes formam a base para a construção, manutenção, comando e estabelecimento de novos territórios.

atenção. Foi de uma senhora de 62 anos, que trabalha há anos na mesma casa e relatou que são os patrões quem tomam decisões para ela, e que consultaria seus patrões para poder ver a possibilidade de participar da nossa oficina. No dia seguinte, ela nos reportou que foi aconselhada a não participar.

Finalmente, o ponto de ônibus e o ônibus que faz a linha 5801 (Foto 1) – Vila Sion/Vila Mauricéia – Via Ibituruna, se mostrou um caminho fértil para futuras pesquisas, já que para este estudo não havia mais tempo. Acompanhar os trajetos e trânsitos dessas domésticas através de uma abordagem etnográfica pelo espaço urbano se faz pertinente para entender a mobilidade feminina nas cidades e as lógicas de transporte público que acaba alocando linhas de regiões periféricas para regiões centrais, ou quer, onde há trabalho.



Fonte: FARIA, Guélmer Júnior Almeida de (2018).

A lição que o campo nos trouxe foi de que era preciso ter construído uma rede entre pesquisador e pesquisadas com laços fortes. A falta de confiança, vínculos de amizade, esconderia o silêncio, a contestação e a negação. Em nossa pesquisa de campo, o fato de o pesquisador ser homem, a abordagem no local de trabalho e os dias que foram propostos para ir ao ponto de ônibus atuaram como um elemento complicador.

39

Nesse contexto, surgiu o interesse em criar um grupo na plataforma digital *WhatsApp*²². Pretendíamos, pelo caráter da inovação metodológica, criar um espaço de socialização das participantes, possibilitando interpretar as vivências, suas narrativas e torná-las comuns. Já que em nossa sociedade, os grupos de *WhatsApp* funcionam com alta

participação de grupos com graus de homogeneidade social próximas, colaborativos e é formado pela complementação das informações na mente da audiência, sem a ligação física entre as partes. A informação pode ser democratizada por seu fluxo, interativa e mutável.

Ponderei ainda que a qualidade dos contatos estabelecidos naquele momento não contribuiria de maneira satisfatória para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, com a recusa desse grupo, passei a estabelecer minha rede pessoal. A escolha em construir o contato com as domésticas por outros caminhos se deu em função de uma amiga trabalhar na Secretaria de Desenvolvimento Social de Montes Claros/MG. Ao propor as oficinas, ela me sugeriu o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do bairro Village do Lago I. A partir da coordenadora do CRAS, fez-se o contato com as domésticas, resultando em um total de seis participantes. No Capítulo 4, abordo com mais detalhe como foram as oficinas.

As oficinas de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico” foram realizadas em dois dias: uma em agosto de 2018, na Universidade Estadual de Montes Claros, com apenas uma participante, e a outra em setembro de 2018, no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) JK do bairro Village do Lago I, com seis participantes. Na terceira parte desta tese, esboço os desafios dessas oficinas e a discrepância em relação à participação (Foto 2). O perfil dessas participantes são mulheres com idade entre 23 a 44 anos, mães, casadas e solteiras, de origem rural, migrantes de primeira e segunda geração, católicas, evangélicas e domésticas. O desenvolvimento das oficinas levou seis meses. Foi necessário planejar as atividades, contando com a ajuda de bolsistas de Iniciação Científica (assistentes de pesquisa) e uma psicóloga. E assim, realizei a oficina em setembro de 2018, contando com a ajuda dos(as) pesquisadores(as) do projeto “Redes”: Adinei Almeida Crisóstomo, Jaqueline da Silva Teixeira, Ana Flávia Rocha e Lilian Maria Santos.

²² As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) são uma realidade acessível a todos os brasileiros. Em pesquisa sobre o uso da *internet* com domésticas na capital de São Paulo, a INTERNETLAB, Rede Conhecimento Social (2018), identificou que elas acessam a *internet* pelo celular mais do que a média nacional e do Sudeste (93%, nos dois casos), e muito menos pelo computador de mesa e *notebook* que a média nacional (35%) e do Sudeste (40%). 85% delas utilizam o celular durante o trabalho. A hipótese é de que elas usam para duas finalidades: monitorar a rotina de suas casas (filhos e família) e profissionalmente, com as patroas acompanhando a rotina das domésticas através das orientações e do monitoramento. Igualmente, a pesquisa revelou que não existe um envolvimento (engajamento) das domésticas, já que nenhuma delas participa de grupos de domésticas ou discute o assunto pela *internet*.



Fonte: CRISÓSTOMO, Adinei Almeida²³, 2018.

Nessa fase, para a realização da oficina, o contato inicial com as domésticas do condomínio foi de fundamental importância. A observação participante no ponto de ônibus trouxe algumas questões para serem exploradas nessa oficina, pois, estar presente, observar, ouvir reclamações, participar de ambientes nos quais as domésticas frequentam, em nosso caso, o ponto de ônibus, possibilitou em alguma medida fazer incursões nas histórias de vidas dessas domésticas migrantes. Nessa oficina do bairro Village do Lago I, havia uma expectativa das participantes sobretudo em relação à legislação. Isso nos chamou a atenção, pois, diferentemente do grupo das domésticas do condomínio, falar da PEC das Domésticas não era constrangimento. Entretanto, optamos por não falar da legislação, já que não se tratava de uma palestra²⁴ e lançamos questões problematizadoras com base no filme **Domésticas**²⁵ e em suas vivências. Mas também percebi que algumas só estavam ali por intermédio da obrigação das condicionalidades do Programa Bolsa Família que é participar dos cursos oferecidos na unidade de atendimento social.

Por fim, gostaria de sublinhar o quão importante foi a inserção no campo empírico, pois, como salienta Nogueira (2010), o que chamamos de campo, as relações sociais, as regularidades, as discontinuidades, as normas, os conflitos, os imponderáveis, nos aparecem

²³ Adinei Almeida Crisóstomo, membro do Projeto “Redes”, foi o fotógrafo em muitas idas à campo. ²⁴ Foi proposto à coordenadora que o pesquisador voltasse em um outro momento para proferir uma palestra sobre a Legislação Trabalhista das Domésticas. Esse evento encontra-se em fase de negociação. ²⁵ De Fernando Meirelles, em codireção com Nando Olival, 2001. Tematiza o trabalho doméstico, tendo como protagonistas cinco empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias de classe média, em São Paulo, no ano de 2001: Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida. Partindo deste cenário, o filme traz consigo mensagens simbólicas do universo doméstico.

como algo incongruente, uma colcha de retalhos, cabendo ao pesquisador chegar ao ordenamento que os atores sociais dão a eles.

2.3 CAMINHO TEÓRICO

Uma rede é um fato social, ou seja, uma realidade que se imporia por si mesma e faria sentido junto às pessoas implicadas ou uma “categoria de análise” utilizada exclusivamente por pesquisadores(as). Por isso, sujeitos sociais da pesquisa só vão se enxergar em rede com a utilização de metodologias de redes pessoais significativas. Enquanto que para pesquisadores(as) as redes sociais é uma categoria de análise.

A rede é então simultaneamente este espaço virtual abstrato e esta pequena extremidade de teia considerada a partir do ponto de vista de cada um de seus membros. Existem, no entanto, várias maneiras de definir a rede, do ponto de vista dos atores ou dos pesquisadores, que em seguida precisam ser comparadas com as diversas abordagens intelectuais ou técnicas destes espaços (MAILLOCHON, 2015, p. 157-158).

A rede é, portanto, um instrumento que auxilia a Sociologia a compreender o conjunto conectado e interdependente da sociedade, cuja existência se dá pelas relações. Uma rede social pode ser definida como: “um conjunto de unidades sociais e de relações, diretas ou indiretas, entre essas unidades sociais, através de cadeias de dimensão variável” (MERCCKLÉ, 2004, p. 4). Temos exemplos de unidades sociais e de relações, tais como: redes de amigos, de famílias rurais, de mulheres corredoras, de vendedoras de produtos de beleza, de acionistas, de ajuda mútua, de apoio de pessoas com câncer, de casas de apoio a tratamento de saúde, etc. Sua diferenciação reside nos diferentes conteúdos das relações e nos suportes afetivos e sociais.

“As unidades sociais representam indivíduos ou grupos de indivíduos, tais como associações, empresas, países” (PORTUGAL, 2006, p. 139). Configuram-se como *nós*, que são elementos da dinâmica da interação entre os atores. Assim privilegiam-se as análises voltadas para as normas, conteúdos e formas que podem assumir essas relações. A partir de um indivíduo, chega-se a um universo de atores sociais que para ele julga serem significativos. Efetivamente, há um certo número de redes que Maillochon (2015, p. 157),

Denomina de redes já institucionalizadas: redes de ajuda mútua (redes de famílias rurais), redes de círculos (prestigiadas, por exemplo de um clube de celebridades) e as “redes de parceiros” ou “redes de amigos” são mais projeções do pesquisador ao ouvir as pessoas estudadas que listam o mais

frequentemente uma teia sobre a qual teriam uma clara consciência e à qual poderiam restituir-lhe forma e consistência.

Um outro tipo de rede são aquelas ligadas ao desenvolvimento tecnológico de comunicação interativa e multimídia, em que os atores efetivamente têm a impressão de pertencer a um vasto conjunto interconectado cujas bases estão sustentadas na *web* e da qual a sociedade faz uso através do consumo das tecnologias da informação e comunicação²⁶. Mas são as redes egocentradas, aquelas com um conjunto de indivíduos que se conhecem e interagem com um determinado “alvo” (indivíduo), tendo como perspectivas a centralidade das participantes como caracteriza Milardo (1988), que fazem parte de nossa análise.

Encontra-se nessa abordagem a dificuldade de identificar a totalidade dos membros da rede, o que leva o pesquisador a não definir uma amostragem. E, sendo assim, Portugal (2014, p. 69) definiu qualitativamente três tipologias de redes de relações: rede de íntimos ou “outros significantes”, redes de interação e redes de trocas, sumarizadas no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Tipologia das redes sociais

Tipo de rede Características Vantagens		
Rede de íntimos ou “outros significantes”	Indivíduos considerados importantes pelo “alvo”.	- Processo de avaliação é claro e de fácil compreensão; - Tempo; - Representativo; - Laços passivos; - Ligações afetivas com interações irregulares.
Redes de interação	Indivíduos que interagem com base em uma rotina.	- Distinção dos laços ativos que possuem uma importância puramente afetiva; - Rede de autoproteção.
Redes de troca	Indivíduos cuja probabilidade de trocas é elevada. Trocas envolvem maior possibilidades de interações.	- Definição de critérios claros de inclusão dos membros; - Decisão sobre quem é importante; - A importância dos membros da rede que tem capacidade de dar respostas a diferentes expectativas e necessidades.

Fonte: Elaborado adaptado de Portugal (2014).

²⁶ Trata-se da sociedade em rede, mediada pela *World Wide Web* cuja principal ferramenta são os computadores portáteis, computadores de mesa, celulares, *notebooks*, *tablets*, relógios digitais, etc., cujos conteúdos gerados são informações.

Para descrição de uma relação, Maillachon (2015, p. 165) diz que: “uma das primeiras questões diz respeito à necessidade de definir *a priori* ou *a posteriori* a natureza das relações a estudar”. Assim, no que tange aos elementos da rede para discernir a coesão do grupo, pode ser pertinente ressaltar as relações de amizade, mas igualmente de ajuda mútua, de dons, de participação em ações comuns, transações monetárias, trocas de bens e serviços, transmissão de informações, indicação e busca por trabalho, entre outras, podendo envolver interação *face a face* ou não, que podem ser permanentes ou episódicas (PORTUGAL, 2006; MAILLOCHON, 2015).

A usual e delicada tarefa de elaborar uma problemática de pesquisa esbarra na complexa tarefa de definir em um plano microssociológico. No caso desta pesquisa, pretende-se analisar as redes sociais das domésticas migrantes internas, a partir de suas experiências individuais. A análise de redes sociais busca, segundo Mercklé (2004, p. 97), “explicar o comportamento dos indivíduos por meio das redes na qual eles se inserem, e explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e de suas motivações”.

O objeto de pesquisa é relacional? A resposta para esta pergunta assenta-se sobre as críticas recebidas pelas análises de redes sociais. Mercklé (2004) julga criticamente as abordagens tradicionais das redes, do ponto de vista metodológico, com especial atenção ao modelo de díades, isto é, da relação entre dois elementos, aquela análise predominantemente simples ($A \leftrightarrow A$). Essa relação não extrapola os componentes de uma conexão da rede, uma vez que é focalizada nas características das relações interpessoais. O autor apoia-se nos trabalhos de Georg Simmel e Michel Forsé, que apontam a unidade relacional de análise das redes como é essencialmente a tríade, e afirma que a rede social é o “conjunto de relações entre os indivíduos, ou o conjunto de tríades” (MERCKLÉ, 2004, p. 11).

Logo, a operacionalização das redes sociais é representada por três elementos fundantes para delimitar analiticamente o objeto que são os três questionamentos, baseados na abordagem qualitativa proposto por Portugal (2006): *Quem? O quê? Como?* – Quem faz parte das redes? Quais os conteúdos dos fluxos das redes? Quais normas regulam a sua ação? A tríade reverbera as relações entre os demais atores dentro do arranjo social da rede. Portanto, a

análise de rede social será pautada em um terceiro elemento intermediário que dará suporte para a junção em rede.

Neste caso, Portugal (2006, p. 141), identificou-os como laços, “que são as relações entre os nós da rede, podendo ter características diferentes”. As relações entre os atores, segundo Soares (2004, p. 109), “apresentam forma e conteúdo. O conteúdo é dado pela natureza

44

dos laços (parentesco, amizade, poder, troca de bens simbólicos ou materiais, afetiva etc.)”. Como Portugal (2006) evidenciou, os laços podem ser distinguidos como: positivos e negativos (LEMIEUX, 1999), fortes e fracos (GRANOVETTER, 1973, 1982), passivos e ativos (MILARDO, 1988). No Quadro 2, a seguir, sistematizam-se essas distinções.

Quadro 2 – Propriedades dos laços

Laços Propriedades dos laços Teórico		
Fortes Fracos	Intensidade (emocional, intimidade), duração da rede, serviços recíprocos, multiplexidade (pluralidade de conteúdo).	Granovetter (1973, 1982) Degenne e Forsé (1994).
Positivos	Identificação.	Simmel (1955) Lemieux (1999)
Negativos	Diferenciação.	
Mistos	Apresentam identificação e diferenciação.	
Neutros	Sem nenhuma das propriedades.	
Indiferença	Indiferentes às essas propriedades.	
Ativos	Interação face a face (frequência-rotineira).	Milardo (1988)
Passivos	Interação irregular (“pode-se contar”).	

Fonte: Elaborado adaptado de Portugal (2014).

Quanto à forma da relação, compreendem-se dois aspectos básicos, de acordo com Soares (2004, p. 109), podendo ser: “(i) a intensidade ou a força do laço entre dois atores e (ii) a frequência e o grau de reciprocidade com que esse laço se manifesta”. Logo, conceitualmente, duas relações de conteúdo distinto podem apresentar formas e dinâmicas

idênticas. Em relação a essa descrição, consultando seus estudos, Portugal (2014, p. 210-211) define:

Nos três primeiros modelos o núcleo estruturante das redes são os laços de parentesco, sobretudo o parentesco restrito. Os laços fortes são construídos no interior da família mais próxima: nas *redes encapsuladas*, as relações limitam-se a esses laços; nas *redes seletivas*, aos laços de parentesco acrescem outros laços de afinidade construídos fora da rede familiar; nas *redes abertas*, o parentesco continua a ser referência afetiva fundamental, mas a rede abre-se a um leque mais vasto de relações constituídas por laços fortes e fracos. Apenas as *redes afínicas* não são dominadas pelas relações de parentesco. Neste tipo de rede o plano expressivo é mais importante que o instrumental na construção

45

dos laços sociais. Não é a consanguinidade que funda o essencial das relações, mas sim os afetos e as afinidades (PORTUGAL, 2014, p. 210-211).

Assim, percebe-se que é o parentesco o elemento fundante das redes e os atributos das relações sociais fundamentais para as ligações entre os atores sociais e a concretização da rede social como assevera a autora em seus estudos sobre família e produção do bem-estar.

Quanto às normas, Martins (2010) afirma que a colonização da teoria individualista e do cálculo racional nas Ciências Sociais reforça a desumanização das práticas sociais e obscurece a possibilidade das redes sociais de traduzir os vínculos de solidariedade e dádiva que mobilizam os sujeitos e grupos no cotidiano. O que circula nas interações sociais é a manutenção dos vínculos, do reconhecimento mútuo e das transformações coletivas auferidas pela expressividade do sistema de reciprocidade, obrigação, igualdade, autonomia e compadrio das relações.

Como já levantada a hipótese neste estudo de que as redes são fechadas com fortes laços de identificação, pertença e rápido acionamento, isto indica que as domésticas migrantes se mobilizam em torno da dádiva, reciprocidade e da troca de informação pela busca ou indicação por trabalho baseadas na confiança reconhecimento mútuo e no capital social. Logo, esses requisitos são pautados em laços sociais e em recursos sócio humanos, preconizados pelo capital social à maneira de autores como: Pierre Bourdieu, Robert Putnam e Nan Lin. No caso das domésticas migrantes, o capital social *bonding* alinha-se mais com a mudança e, de acordo com Putnam (2001), refere-se às relações entre grupos relativamente homogêneos e é similar à noção de laços fortes com intenso sentimento de comunidade, confiança mútua e pertença.

Bourdieu (1998) afirma que capital social é um conjunto de relações de que o indivíduo ou grupo dispõe. É a forma como os sujeitos sociais o utilizam visa se posicionar nos espaços sociais em que estão inseridos. O acionamento que esses indivíduos realizam no

processo migratório, antes e depois, da organização social, da confiança, das normas e sistemas, contribui para aumentar a eficiência do processo. Estes serão os conteúdos circulantes presentes nas redes dessas mulheres.

Quando se pensa em termos de recursos ao mercado, um autor que caracterizou o capital social em termos de perdas e ganho é Nan Lin, que define capital social como “investimento nas relações sociais com proveitos esperados de mercado” (LIN, 2001, p. 19). Para ele, essa teoria se interessa pelo jogo das ações individuais e das posições sociais no processo de capitalização. Nessa modelização do capital social em relação aos proveitos esperados, Nan Lin aponta que a posição na estrutura social em que os indivíduos estão

46

inseridos influencia mais do que a sua própria posição dentro de uma rede de relações sociais. Lin (2001, p. 75) postula seis teses expostas, a seguir:

1. Quanto melhor a posição de um indivíduo na estrutura social, maiores serão suas chances de ter acesso e de poder utilizar-se do capital social eficaz.
2. Quanto mais forte o elo à rede, mais oportunidades há de que o capital social correspondente afete positivamente o sucesso da ação considerada.
3. Quanto mais fraco o elo, melhor é o capital social ao qual ele dá acesso.
 4. Quanto mais os indivíduos estiverem próximos de pontes – entendidas como o elo que liga diferentes meios sociais –, em uma rede, melhor será seu capital social.
 5. O poder de uma posição (em termos de sua proximidade a uma ponte) depende do diferencial de nível, dentro da estrutura social, entre as extremidades dessa ponte.
 6. Os efeitos do capital social são limitados às extremidades da hierarquia social (o topo e a base).

A questão que se coloca nesta pesquisa é “o que é que minha rede de relações pode fazer por mim?”. A pergunta será respondida com base no acesso e uso dos recursos e a posição estratégica que, segundo Portugal (2006), pode ser verificado pela desigualdade, capitalização e efeitos, como no modelo proposto por Lin (2001), além dos atributos e vínculos que circulam na rede.

Esta pesquisa cumpre informar também sobre um outro tipo de capital que Busse, Izaguirre e Vasquez (2014) e Garip (2008) designam de capital migratório, acionado principalmente pelas domésticas migrantes, consideradas “catalisadoras das relações” (PORTUGAL, 2014). Seria a capacidade de mobilizar e gerir os recursos necessários na rota migratória. Nesse sentido, Busse, Izaguirre e Vasquez (2014) dizem que são constituídos dois tipos de componentes distintos: um dos componentes é o conjunto de recursos diretamente associados com a adesão em uma rede social, como família, amigos, conhecidos, compatriotas, ex-migrantes (tais como recursos, informações da cidade, do bairro, da rua,

etc.). O outro componente é o conjunto de recursos associados com a sabedoria para agir no contexto migratório, algo como um *know-how*²⁷ da migração. Assim, esse componente pode ser dividido em dois tipos de conhecimento: o adquirido antes de iniciar a migração e o adquirido após a migração, o que torna cíclico o processo em rede (BUSSE; IZAGUIRRE; VASQUEZ, 2014).

Garip (2008) decompôs o capital migratório em três níveis: capital social migrante em recursos (informações sobre a assistência à migração), fontes (migrantes anteriores) e destinatários (potenciais migrantes). Os indivíduos tornam-se mais propensos a migrarem se os

²⁷ O termo significa transmitir algum conhecimento vivido na prática. Algumas mulheres migrantes que trabalharam como domésticas repassam informações que se traduzem em confiança e reciprocidade.

recursos de capital social dos migrantes forem maiores e mais acessíveis. Assim, o apoio social através das redes e os condicionantes sociais das redes pessoais promovem a integração dessas migrantes. Portanto, são as redes sociais pessoais que atuam na migração. Conforme Meneses (2007, p. 27), “estas estão estabelecidas também enquanto interações entre seus membros. Estas interações se caracterizam, além dos vínculos, da comunicação e das relações, pela organização ao redor do fazer, de estruturar o tempo e o modo como este se utiliza”.

Assim, permite-se que as relações sociais deem sentido a suas vidas que nelas participam, favorecendo a construção de suas identidades, propiciando a sensação de que estão ali para alguém, que tem os recursos necessários para dar conta de diversas tarefas e dar suporte social nos processos migratórios (MENESES, 2007). Portanto, atributos, relações e trajetórias das domésticas migrantes internas vão depender das diferenças e características pessoais com as quais construíram e mantiveram seus vínculos, como cada uma delas mobilizou sua rede de relações e outras variáveis de acordo com o ciclo de vida e suas trajetórias.

2.4 QUEM SÃO AS PARTICIPANTES DA PESQUISA?

Uma das questões que inspiram nossos esforços para ser respondida nos diz sobre as participantes desta pesquisa: quem são as domésticas migrantes internas no Brasil? Qual o sentido que elas atribuem a essas práticas (ser doméstica)? Qual a perspectiva desses sujeitos em relação as suas motivações (busca por trabalho doméstico e migração enquanto projeto de melhorar de vida)? Para responder a essas indagações é preciso pensar sobre as relações entre as práticas, poder, subjetividade e contextualização do que é ser doméstica migrante no Brasil.

O contexto do universo das domésticas é marcado pela dívida social da sociedade escravista e patriarcal do século XIX. De acordo com Ferreira (2010, p. 340), “no Brasil o emprego doméstico vem de longa tradição, desde o período colonial, com mão de obra africana escravizada. No século XX permaneceu como importante campo de emprego de mulheres, marcado por grande informalidade”. Atualmente, em relação aos aspectos legais, entrou em vigor a Proposta de Emenda Constitucional PEC das domésticas” – Lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015²⁸. Evidentemente esse marco legal traz um importante mecanismo de fiscalização do trabalho doméstico. No entanto, a natureza íntima e domiciliar do próprio trabalho o impede que seja monitorado. Sem dúvida, é uma correção histórica tardiamente

²⁸ Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as Leis nº8.212, de 24 de julho de 1991, nº8.213, de 24 de julho de 1991, e nº11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3º da Lei nº8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei nº8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei nº5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei nº9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências.

reconhecida uma vez que, por décadas, legitimaram-se as desigualdades entre trabalhadores(as) domésticos(as) e outras categorias. No entanto, para este estudo é importante sinalizar que a regulamentação tem suas deficiências e que, muito embora se tenha uma garantia legal dos direitos trabalhistas, isso não implica em processos de redução das desigualdades sociais relacionadas às domésticas. E a soma dessas desigualdades reverbera em outras questões, tais como raça, classe, ser migrantes, etc. Assim, para melhor entender esse ganho legal, é preciso verificar com o tempo quais as reais modificações que foram contempladas.

Quanto às suas práticas e subjetividades, Girard-Nunes e Silva (2013) apontam a defasagem entre o que a lei prescreve e a realidade do trabalho, exigindo atenção às diversas racionalidades presentes neste mercado de trabalho e que frequentemente colocam em xeque os avanços da sociedade na luta por maior equidade. Um ponto importante neste estudo, e que coaduna com nossas análises, é o fato de os autores chamarem a atenção para os mercados e como eles funcionam através das relações de confiança e da articulação em redes. Em estudo realizado em 2003 sobre o setor informal, a partir da análise de várias categorias profissionais e das lógicas de ação estabelecidas com vistas à obtenção de emprego, notou-se que as regras que regem essas relações são baseadas em valores eminentemente subjetivos, como, por exemplo, a confiança.

Nesse sentido, os mercados são construções subjetivas, não somente no processo de gestão, mas ainda em sua concepção, pois a própria dinâmica do mercado depende de normas outras que a simples relação entre oferta e demanda. A busca por diaristas ou

domésticas, no mercado em que as relações sociais são fundamentais para seu entendimento, não se formam com base nas mesmas regras que caracterizam os mercados de bens de massa e indiferenciados (GIRARD-NUNES; SILVA, 2013).

Merece uma atenção especial analisar o nexo entre fluxos migratórios e modalidades de prestação de cuidados. No Brasil, o local de prestação dos cuidados têm sido os domicílios particulares. O perfil étnico é composto por mulheres negras (67%, segundo o PNAD de 2014), migrantes e ainda pesam sobre essas mulheres a informalidade das relações trabalhistas. O trabalho doméstico remunerado no Brasil é presente em todo o território nacional, ocorrendo de forma concentrada no ambiente urbano e nos estados com maior concentração populacional. No caso do volume de domésticas por estados da Federação, quase metade delas(45,8%) encontra-se em três estados da Região Sudeste: São Paulo (23,9%), Minas Gerais (11,6%) e Rio de Janeiro (10,3%), sendo que só em São Paulo são 1,5 milhões de domésticas (M. COSTA, 2017).

49

Em 2018, segundo dados do DIEESE (2019) após o recente período em que o país viveu uma crise econômica profunda e com a crescente desregulamentação das leis trabalhistas, o trabalho doméstico voltou a crescer nas capitais dos Estados de São Paulo, Bahia e no Distrito Federal²⁹. Esse aumento do trabalho doméstico em São Paulo, alterou a parcela do segmento no total de ocupadas (de 13,3%, em 2017, para 14,5%, em 2018), passando de quarta para terceira maior proporção entre os setores de atividade analisados em contingentes de ocupadas na atividade. Em 2018, no entanto, as diaristas ultrapassaram as demais proporções, com 42,1% do total de trabalhadoras domésticas (DIEESE, 2019). Nas regiões Norte e Jequitinhonha/ Mucuri do Estado de Minas Gerais, chama atenção o maior grau de informalidade do trabalho doméstico: as domésticas mensalistas sem carteira assinada representam mais da metade dessas trabalhadoras (IDHM, 2013). No entanto,

[...] em função do histórico de subordinação, da falta de capacitação profissional e formação educacional, que constituem alguns dos aspectos da vulnerabilidade social em que estão inseridas as domésticas no país, estas enfrentam a autonomia em uma significativa desvantagem social (M. COSTA, 2017, p. 189).

Dessa forma, o trabalho doméstico tem se caracterizado por ser exercido por mulheres de baixa escolaridade, negras, mais velhas e com maiores responsabilidades na condução de suas próprias famílias: nas quais a proporção de mulheres chefes aumentou consideravelmente (de 15,1%, em 1992, para 41,8%, em 2018). Chama atenção o fato de 87,8% das mensalistas sem carteira assinada não terem contribuído para a previdência social,

em 2018. Situação semelhante é verificada entre as diaristas: 79,1% delas não contribuíram para a previdência, no mesmo período (DIEESE, 2019).

Quanto às relações de poder, Kofes (1990) chama atenção para a hierarquia das relações de gênero presente no encontro entre patroas e domésticas. A ênfase recai “nos atores concretos e suas interações, nos lugares que esses atores ocupam, e as relações que combinam o que se supõe separado”. Ainda segundo o autor, “[...] as relações entre classes e culturas diferentes e desiguais supõem relações políticas, mesmo quando se dão no que se designa privado” (KOFES, 1990, p. 93-94). Uma mulher de classe alta ou média subordinando uma outra mulher de classe inferior. As relações de poder tendem a ser mera reprodução da

²⁹ O DIEESE, até junho de 2019, ainda não havia finalizado os dados do emprego doméstico para as demais regiões do Brasil. Para este estudo, os dados da capital paulista se fazem pertinentes. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/sitio/buscaDirigida?itemBusca=&comboBuscaDirigida=TEMA%7Chttp%3A%2F%2Fwww.dieese.org.br%2F2012%2F12%2Fdieese%23T356953945>. Acesso em: 20 mai. 2019.

sociedade patriarcal baseada em quem manda e quem obedece, uma desigualdade constitutiva onde afetividade, confiança e distanciamento se mesclam e expressam as entrelaçadas relações do trabalho doméstico.

Depois de acentuadas as dimensões das participantes desta pesquisa, foca-se na objetividade do universo empírico: quais domésticas migrantes entrevistar? Whyte (2005), ao estudar um bairro, realizou contatos iniciais que propiciaram dinâmicas de interação, inserindo se em seu campo empírico. Esse trabalho demonstra a importância de se obter apoio de indivíduos já inserido no grupo a ser estudado a fim de aumentar a rede de contatos iniciais, principalmente, no caso de pesquisas nas quais inicialmente não se conhece muito bem as pessoas importantes a serem abordadas.

O referido autor afirma que reconheceu o que ele nomeia como “indivíduos-chave” (WHYTE, 2005), ou seja, indivíduos que poderiam ampliar sua rede de contatos, fornecer nomes específicos que detivessem influência no local, facilitando sua entrada nos mais diversos grupos sociais do referido bairro. Nesta lógica, as dificuldades se impõem com maior acuidade quando refletimos não somente sobre a população de indivíduos, mas sobre o conjunto de suas relações, ou ainda sobre as redes (MAILLOCHON, 2015). Como nesta pesquisa, as dificuldades estão relacionados aos contornos desses atores sociais, as domésticas migrantes, mas também as possibilidades de acesso a esta. Então, como localizá-las?

A partir da inserção empírica, identificamos duas redes de circuitos migratórios: do bairro Village do Lago I e de zonas rurais de dois municípios mineiros de Mirabela e São

Francisco. No Quadro 3, a seguir, definimos essas duas redes do ponto de vista de suas características migratórias, ocupação, redes *da/na* migração e sua espacialidade. Para atingir os objetivos propostos nesta tese, adotei a metodologia do Mapa da Rede Pessoal Significativa³⁰, propondo investigar as redes pessoais das domésticas migrantes. Essa investigação procura conhecer como se forma a rede de relações sociais para dar suporte a esse processo migratório que se vincula à busca (ou indicação) por trabalho.

³⁰ Proposto por Carlos Sluzki (1997).

Quadro 3 – Características das duas redes pesquisadas

Redes Características	
Rede de domésticas do bairro Village do Lago I – Montes Claros/MG.	<ul style="list-style-type: none"> - Etapa migratória cumprida. - Experiência migratória (“sucesso”). - Trabalho doméstico (mensalistas, diaristas). - Redes de suporte social (redes pessoais, dádiva e reciprocidade). - Espaço: Bairro.
Rede de domésticas de municípios circunvizinhos a Montes Claros/MG.	<ul style="list-style-type: none"> - Em fase migratória. - Migração de retorno (fracasso e esperança), rotatividade. - Trabalho doméstico (diaristas). - Redes de apoio social migratória (Capital social). - Espaço: Capitais (Belo Horizonte, São Paulo e Brasília).

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Pretendíamos não só conhecer um pouco da migração feminina no norte de Minas Gerais, procurando saber o que a caracteriza, mas desenvolver igualmente conceitos e paradigmas que existem sobre a rede de migração feminina para o trabalho doméstico. Ou seja, desejamos que o nosso trabalho empírico, a partir de uma abordagem conjugada entre análise estrutural e compreensiva, possa contribuir para entender um fenômeno social complexo não como um apêndice à temática da migração feminina, mas sim, integrado aos processos de migração. As possibilidades de reconstituir uma rede total, de acordo com

Maillochon (2015), são muito mais reduzidas quando os indivíduos são enumeráveis, mas dificilmente localizáveis, já que estão espalhados sobre um vasto território, como no caso deste estudo em que os sujeitos sociais são mulheres, domésticas e migrantes.

Os estudos relacionais sobre uma categoria de pessoas, no caso, domésticas migrantes internas, buscam menos descrever como as representantes deste grupo social são conectados entre si do que compreenderem em qual tipo de redes amigáveis, sociais, profissionais, elas são inscritas. Nesta situação, privilegia-se a descrição da “rede egocentrada”: “a reconstituição do conjunto (ou de uma parte) do entorno de cada um dos indivíduos da amostra tomada separadamente” (MAILLOCHON, 2015, p. 163).

As participantes da pesquisa são mulheres escolhidas por informantes chaves, famílias de origem e através dos testemunhos dos pesquisados. A construção das características das participantes obedeceu aos critérios: mulheres migrantes, com cinco anos ou mais de residência no local de destino, e que estão empregadas no trabalho doméstico com ou sem carteira assinada, com idades compreendidas entre 18 e 30 anos, dos 30 aos 44 anos, dos 45 aos 59 anos e 60 anos ou mais. Procurou-se também estratificar os grupos entre as que possuem filhos(as) e as que não possuem. Quanto ao nível de escolaridade, com Fundamental

52

incompleto, Fundamental completo ou cursando Ensino Superior. Adota-se como variáveis: idade, profissão com ou sem carteira assinada, conjugalidade, parentalidade, localização geográfica e maternidade (Quadro 4).

Esclarecemos, por fim, que os nomes das participantes foram modificados para que se mantivesse respeito à confidencialidade e sigilo das informações, para evitar constrangimentos e assegurar a confiança delas nos resultados de pesquisa. As falas foram transcritas em itálico sem correção de português objetivando destacá-las e dando voz ativa para as participantes.

Quadro 4 – Características sociodemográficas das entrevistadas das duas redes

Redes	Características
Rede de domésticas do bairro Village do Lago I – Montes Claros/MG.	<ul style="list-style-type: none">- Nomes: Hortênci<i>a</i>, Rosa, Magnó<i>l</i>ia, Margarida, Violeta e Irís. - Idades: 23 a 44 anos.- Cor/raça: três negras e três brancas.- Escolaridade: cinco com Fundamental Incompleto e uma com Ensino Médio.- Doméstica com ou sem carteira.- Estado civil: cinco casadas e uma solteira.- Maternidade: cinco com filhos e uma sem filho.

<p>Redes de domésticas de municípios circunvizinhos a Montes Claros/MG.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nomes: Marinalva, Carmélia, Cleide, Denise, Cecília e Amélia. - Idades: 40 a 58 anos. - Cor/raça: 4 negras e 2 brancas - Escolaridade: cinco com Fundamental Incompleto e uma com Ensino Médio. - Doméstica sem carteira. - Estado civil: duas casadas e quatro solteiras. - Maternidade: todas com filhos.
---	--

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

2.5 LUGARES DA PESQUISA

2.5.1 O bairro Village do Lago I

Um dos *locus* de pesquisa eleito foi o bairro Village do Lago I, na cidade de Montes Claros-MG, pela facilidade de acesso³¹ e com elevada população, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo. Sua formação histórica teve início na década de 1970, originária de um loteamento rural. Nessa época, o bairro ainda não tinha ligação com a mancha urbana de hoje. O Village do Lago I, segundo Silveira (2016), foi um loteamento regular aprovado pelo poder

³¹ No capítulo 4 é descrito como se deu o acesso a essa rede.

público municipal, na década de 1980, em que a maioria dos lotes foram comercializados. Esse fato atraiu muitos imigrantes na busca por trabalho de várias cidades circunvizinhas e da zona rural de Montes Claros-MG.

Chamou atenção, também, nos estudos de Silveira (2016), a maior presença do sexo feminino referenciada na sua pesquisa. Em grande parte, essas mulheres são, em função da composição familiar, “do lar”, domésticas, diaristas e que acumulam a função de provedora da casa e responsável pelas questões burocrático-legais dos membros da família. Quando se analisa a escolaridade das domésticas com Ensino Fundamental incompleto, estas representam 56%, seguidas pelo número das que possuem Ensino Fundamental completo, 22%. Assim, essa expressão da baixa escolaridade resulta em ocupações que exigem menor grau de qualificação, principalmente do setor de serviços quando se refere às exigências do mercado de trabalho (SILVEIRA, 2016).

Outro aspecto relevante é em relação à ocupação e à forte presença de trabalhadores do setor de serviços. Silveira (2016) notou que a maior parte das profissões e

ocupações informadas estão na área de Trabalhadores dos Serviços (48%) e Trabalhadores da Indústria Extrativa e da Construção Civil (25%). No primeiro, destacam-se os(as) empregados(as) domésticos(as) (empregadas domésticas, faxineiras, diaristas, babás, outros), correspondendo a 53% dos representantes desse grupo principal e 25% do total de pessoas que informaram ocupação/ profissão. Os homens ocupam as profissões de pedreiro e servente de pedreiro.

Em relação à migração, encontramos moradoras com local de origem de várias cidades vizinhas a Montes Claros, mas, sobretudo, das zonas rurais. Silveira (2016) revela que 42% dos(as) moradores(as) são originários(as) de municípios do Norte de Minas Gerais, com destaque para Brasília de Minas (105 km), Capitão Enéas (63 km), Francisco Sá (52 km), Janaúba (135 km) e São João da Ponte (109 km).

Finalizando, na escolha do bairro Village do Lago I como local da pesquisa, atentamos para a dependência de programas sociais. Para Silveira (2016), 78% dos(as) entrevistados(as) tem acesso a algum tipo de programa social. Isso demonstra que grande parte das famílias tem sua fonte de renda ligada à transferência do Estado, evidenciando a vulnerabilidade social presente no bairro.

2.5.2 Municípios circunvizinhos

O sertão do norte de Minas Gerais, também é conhecido como Região Mineira do Nordeste. Paula (2003) assevera, a partir de dados da Fundação João Pinheiro, que o Norte de

54

Minas é composto de três regiões: 1) Bacia do São Francisco, que envolve sete unidades da federação e alguns municípios do Norte de Minas; 2) Vale do São Francisco, que abrange parte da região Nordeste, parte do Polígono das Secas e parte da região Sudeste; 3) Semiárido Brasileiro, que compreende o Polígono das Secas.

A mobilidade populacional dos sertanejos definem seus modos de vida, meios de vida e temporalidades. Assim, ao eleger os *lócus* de onde impulsionam as redes sociais da migração, é preciso contextualizar esses lugares de origem. Trata-se de uma região que atua como polo migratório, tanto interno quanto externo, seja na recepção ou na expulsão. Esse crescimento tem sido visto de forma acentuada em número de habitantes e em atividades econômicas, sobressaindo-se no setor de comércio, educação, saúde e prestação de serviços. Vimos no Norte de Minas Gerais, especificamente nos municípios de São Francisco e Mirabela, exemplos de espaços privilegiados para esse movimento migratório.

Outro fato que notamos destes municípios é a evolução da desigualdade de renda.

Na Tabela 1, abaixo, apresenta-se um indicador de desigualdade de renda para os dois municípios pesquisados, que é o Índice de Gini³². No que concerne a São Francisco, a desigualdade de renda aumentou em 2000, chegando a 0,61, e, em 2010, reduziu para 0,55. Em Mirabela, houve redução da desigualdade de renda de 0,56, em 1991, para 0,48, em 2010. Esses dados refletem os investimentos do governo federal nas transferências realizadas por algum tipo de política pública.

Tabela 1 – Índice Gini, São Francisco (MG) e Mirabela (MG), 2013

1991	2000
------	------

Município 2010 São Francisco 0,53 0,61 0,55

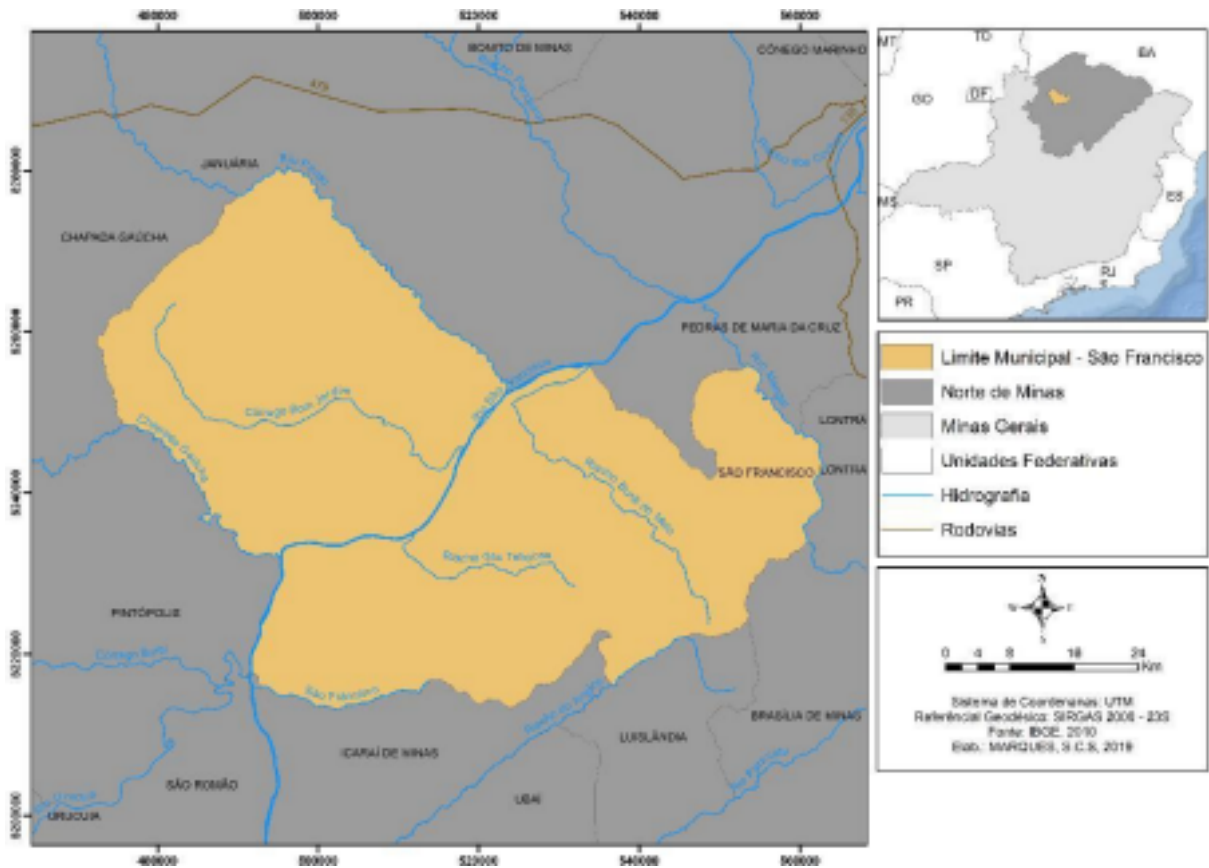
Mirabela 0,56 0,56 0,48 Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2013).

Embora a pobreza seja reflexo das crescentes desigualdades de renda, no Norte de Minas Gerais e Nordeste brasileiro, verifica-se que a pobreza é predominantemente rural. Esses dois municípios têm valores que permitem verificar as diferenças das condições de vida da sua população e de como é necessário ampliar as políticas públicas.

³² É um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, se uma só pessoa ou parte da população detém toda a renda do lugar.

O município de Mirabela, segundo dados do IBGE (2010), possuía uma população de 13.042 habitantes. São Francisco (Mapa 1), à época, continha uma população de 53.828 habitantes. Em termos migratórios, Fonseca (2015) constatou que São Francisco é um dos municípios que mais tem emigrantes, 11.206 pessoas emigraram no ano de 2010 (Tabela 2).

Mapa 1 – Localização do município de São Francisco/MG



Fonte: MARQUES, Samuel Carlos S. (2019).

56

Tabela 2 – População total, por Gênero, Rural/Urba – Municípios de São Francisco (MG) e Mirabela (MG), 2013

População	População (1991)	% Total (1991)	População (2000)	% Total (2000)
-----------	------------------	----------------	------------------	----------------

Município % Total (2010)

População total 46.024 100 51.497 100 53.828 100 População residente masculina 23.281 50,58

26.228 50,93 27.278 50,68

São Francisco Mirabela

População residente feminina 22.743 49,42 25.269 49,07 26.550 49,32 População urbana 19.277

41,88 27.835 54,05 34.204 63,54 População rural 26.747 58,12 23.662 45,95 19.624 36,46 População total 11.835 100 12.552 100 13.042 100

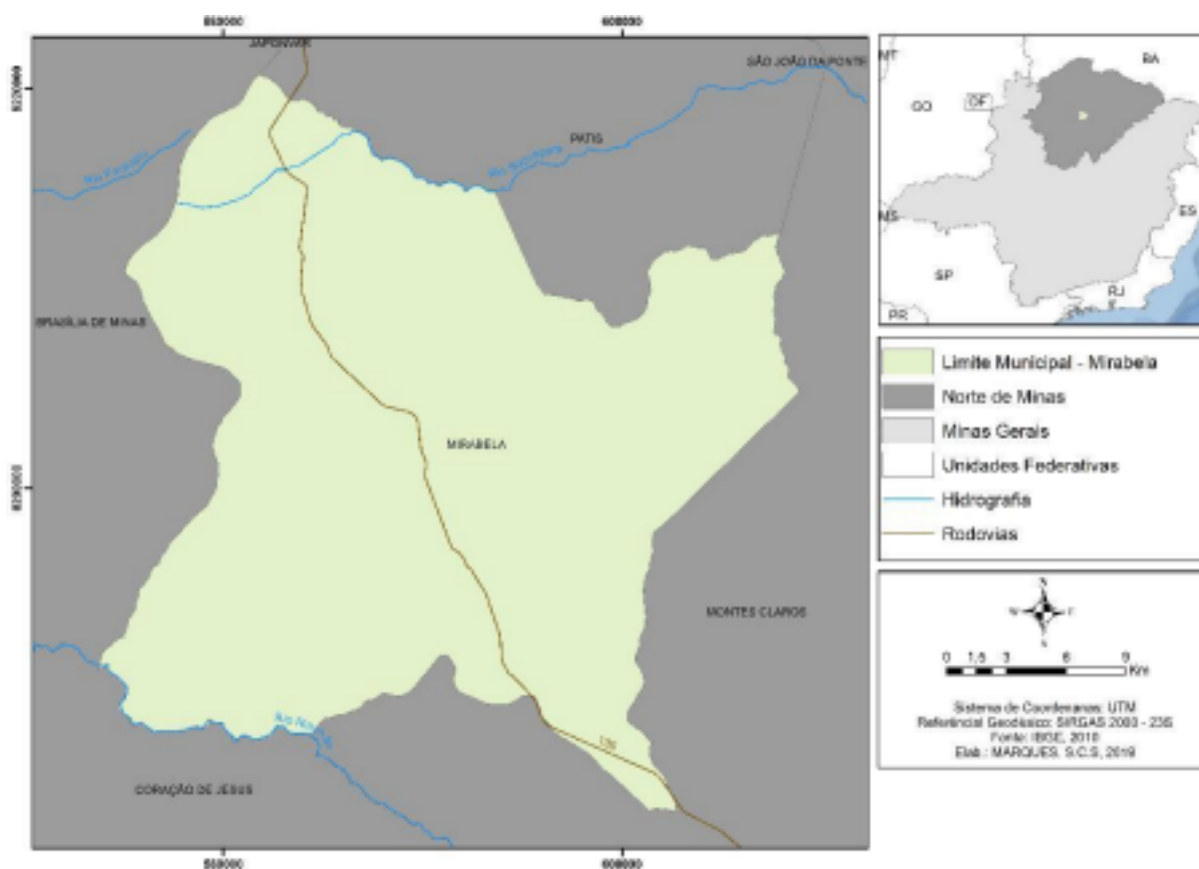
População residente masculina 6.030 50,95 6.393 50,93 6.629 50,83 População residente feminina 5.805 49,05 6.159 49,07 6.413 49,17 População urbana 7.727 65,29 9.476 75,49 10.028 76,89

População rural 4.108 34,71 3.076 24,51 3.014 23,11

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2013).

O município de Mirabela (Mapa 2) possui 1.410 pessoas. Nota-se que as populações residentes femininas de ambos os municípios não registraram aumento, mantendo-se em média em 49%, conforme a Tabela 2 apresentada. Esses dados devem ser interpretados levando-se em conta a estimativa populacional dos municípios – quanto maior o número de habitantes maior é a propensão em migrar. As populações rurais desses dois municípios apresentam percentual maior que em muitos municípios brasileiros.

Mapa 2 – Localização do município de Mirabela/MG



Fonte: MARQUES, Samuel Carlos S. (2019).

No que se refere ao grau de instrução dos(as) emigrantes, em geral, prevalecem indivíduos sem instrução ou com Ensino Fundamental incompleto. Quanto ao sexo dos emigrantes do Norte de Minas, 50,28%, do sexo feminino, e 49,72%, do sexo masculino, de acordo com Fonseca (2015).

Um outro quesito que nos chamou a atenção foi o IDHE³³ dos municípios do Norte de Minas para Fonseca (2015), reforçando a necessidade de maior investimento em educação,

³³ O IDH-E (Índice de Desenvolvimento Humano Educação) é obtido a partir da taxa de alfabetização e o número médio de anos de estudos convertidos em índices.

pois esse índice continua a ser muito aquém do ideal. O abandono da escola no Ensino Fundamental é característico de famílias de menor poder aquisitivo, o que, conseqüentemente, auxilia que os adultos não tenham qualificação profissional.

2.6 ENTRE A CONSTRUÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DE DADOS RELACIONAIS E ESTRUTURAIS

Para a análise de redes sociais, as primeiras questões que emergem são: como descrever uma relação? Como medir ou formalizar uma relação? E os modos de coleta? Para responder a essas perguntas, recorreremos aos estudos de Soares (2004), em que se analisam as oposições entre interacionistas (subjetivistas) e os estruturalistas (objetivistas). Para o autor,

Os interacionistas privilegiam a experiência vivida dos indivíduos, reduzem o funcionamento da sociedade às interações e procuram entender o que essas interações significam para a construção mental e prática da realidade sociais.

Nessa perspectiva, o real seria o que as pessoas definem como tal, isto é, o mundo social é reduzido às representações que dele fazem os agentes, e então a tarefa da ciência social consistiria em produzir uma explicação das explicações produzidas pelos sujeitos sociais (SOARES, 2004, p. 110).

Assim, as pesquisas relacionais procuram explorar um tipo de vínculo, seja, amizade, amor, vizinhança, origem. Segundo Maillochon (2015), elas buscam *a priori* dar conteúdo às diferentes formas de relações e a evidenciar sua importante variação social, quer se trate de amigos, de vizinhos, ou ainda outros.

Neste estudo, a concepção relacional *das* relações nas redes sociais das domésticas

tende a focar os sujeitos sociais dentro de um sistema social estendido a outros sujeitos, sendo importante para as domésticas ter como referência na tomada de decisão e como manifesta os padrões relacionais entre os sujeitos e os *nós*. Quanto aos estruturalistas, Soares (2004, p. 110) diz que:

O estruturalismo alinha-se contra a interpretação da realidade como devir, desenvolvimento ou progresso; concebe essa realidade como um sistema relativamente constante e uniforme de relações. O sistema não é, porém, considerado estático; essa vertente teórica subordina a concepção diacrônica do mundo social à sincrônica e admite que as transformações nas relações constitutivas de um sistema são oscilações em torno dos limites dados pelo próprio sistema. E mais, o estruturalismo afirma a prioridade das estruturas sociais em relação às escolhas individuais; deduz as ações e interações sociais da estrutura, isto é, percebe a estrutura social como um conjunto de padrões de relacionamento dotado de existência própria e independente dos indivíduos ou grupos que nela ocupam posições. Os estruturalistas buscam apreender

59

relações objetivas, sem considerar as consciências e vontades individuais; entendem, portanto, que a vida social deveria ser explicada, como dizia Durkheim, não pela concepção que fazem dela os agentes, mas pelas causas profundas que escapam à consciência.

Nas pesquisas relativas às estruturas, ou nas quais as relações comportam um alcance explicativo, frequentemente emprega-se uma definição *a priori* dos vínculos menos animadores. Assim, para discernir a coesão de um grupo, pode ser pertinente ressaltar as relações de amizade, mas igualmente de ajuda mútua, de dons, de participação em ações comuns, sem, no entanto, ater-se aos detalhes que tais intercâmbios pressupõem. Frequentemente, estes estudos negligenciam a diversidade social do conteúdo dos vínculos, favorecendo, assim, uma construção do corpo mais ampla dos dados relativos à estrutura (MAILLOCHON, 2015).

Portanto, para ambas as abordagens no debate sobre as análises de redes sociais, tem-se a articulação entre perspectivas estruturais e individuais, embora, haja divergências entre elas que se revelam ao longo dos seus marcos epistemológicos (SOARES, 2004). De acordo com Lemieux e Ouimet (2012, p. 33), “em análise estrutural o objetivo é analisar as relações entre os atores e não tanto entre variáveis. Trata-se da principal diferença entre análise relacional e análise estrutural”.

Igualmente, Portugal (2006) reitera que a análise estrutural das redes se baseia na premissa de que estas têm uma realidade própria, no mesmo sentido em que os indivíduos e as relações a têm, pelo que sua influência não pode ser reduzida ao simples efeito de

constrangimentos normativos, atributos pessoais ou efeitos cumulativos de múltiplas interações. Esta análise “relacional” permite estudar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, mas, também, os modos como eles o usam e modificam consoantes os seus interesses.

Para uma mensuração ou formalização da relação, geralmente supõe-se uma definição de um determinado número de suas propriedades. Assim, o cuidado do pesquisador é perceber a multiplicidade das dimensões e qualificar seus tipos de vínculos. E aqui merece atenção o que Mitchell (1974) denominou de “multiplexidade”, isto é, o fato de duas pessoas serem religadas por uma pluralidade de vínculos: serem parentes, frequentar a mesma igreja, serem vizinhos, etc.

Finalmente, definir os vínculos nas abordagens egocentradas relacionado às redes sociais na migração torna-se mais fácil de compreender a partir de uma perspectiva micro. Essas abordagens estendem-se no máximo a três elementos sem contato direto e seu objetivo é

60

caracterizar as trajetórias individuais das domésticas migrantes, a fim de verificar se as relações interpessoais sofrem ou não constrangimentos (FAZITO, 2002).

Assim, a análise estrutural não dá conta de explicar os discursos e ideologias de todos os aspectos das transações econômicas e dos processos políticos. “Porém, o que ela permite esclarecer ao nível da lógica das relações sociais, um domínio há muito negligenciado nas ciências humanas, ensina-nos que estas relações estão mais presentes do que aquilo que se julga nos processos em que participam os atores sociais” (LEMIEUX; OUIOMET, 2012, p. 116). Portanto, nesta pesquisa, concatena-se a perspectiva interacionista vinculadas às histórias dos sujeitos pesquisados e adota-se uma ferramenta técnica de análise estrutural para espacializar as redes sociais. Mas, não é nosso objetivo fazer uma análise estrutural tal qual os estruturalistas propõem.

Em relação aos modos de construção do corpus de dados, dois componentes metodológicos se abrem como possibilidades de aplicação: o mapa da rede pessoal significativa e os sociogramas gerados pelo *software Gephi 0.9.2*. A elaboração dos grafos³⁴ baseou-se na preparação dos dados referentes aos *nós* e as relações entre si, para posteriormente finalizar a representação visual. Para a rede do circuito interno, foi utilizado o Mapa da Rede Pessoal Significativa e, para a rede do circuito intraestadual (dos dois municípios), a utilização dos sociogramas gerados pelo *software Gephi 0.9.2*.

2.7 MÉTODOS, TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A partir da necessidade das informações mencionadas, a construção do corpo de dados foi realizada por meio dos seguintes instrumentos: estudos exploratórios (pesquisa e análise bibliográfica, pesquisa documental); aplicação de questionário previamente estruturado “gerador de nomes” (PORTUGAL, 2014); entrevistas em profundidade (WEISS, 1994); e observação participante (WHYTE, 2005) com anotações em diário de campo. As escolhas dos instrumentos influenciam os métodos de recolha e análise. Quivy e Campenhoudt (1998) dizem que eles são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e da hipótese de trabalho. “O importante é que o investigador tenha uma visão geral do seu trabalho e não preveja as modalidades de nenhuma destas etapas sem se interrogar constantemente acerca das suas implicações anteriores” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 185). Do ponto de vista empírico, as domésticas migrantes foram

³⁴ É a representação gráfica de uma rede interativa.

escolhidas por indicação de informantes chaves, famílias de origem e através dos testemunhos das pesquisadas.

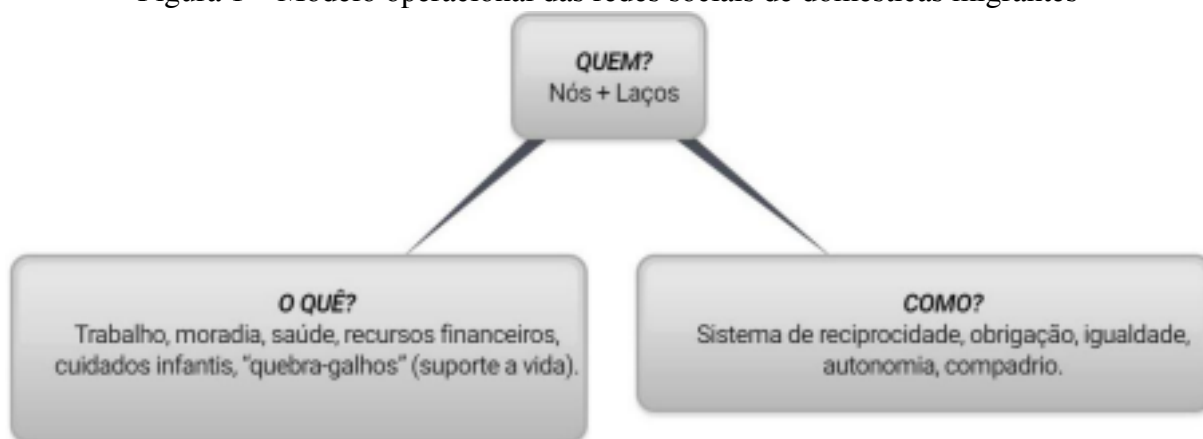
Em geral, as pesquisas sobre redes sociais são elaboradas através de entrevistas *in lócus*, o que, para Maillochon (2015, p. 168), “permitem ao mesmo tempo definir as participantes alvo a ser estudado e o tipo de participação, bem como a natureza das relações a documentar”. Assim, as entrevistadas são levadas, através de um “gerador de nomes” (PORTUGAL, 2014), a descrever um número limitado de parentes, amigos(as), conhecidos(as), de vizinhos(as), parceiros(as), de pessoas que trabalham, ou que conhecem ou que conheceram em determinado clube, associação, igreja, etc. (MAILLOCHON, 2015, p. 168). Neste estudo, o questionário “gerador de nomes” foi aplicado para indicar os destinos migratórios.

Logo, o ponto de partida para a metodologia e o desenho das redes sociais é: como gerar nomes? Para responder essa questão faz-se necessário responder os três questionamentos: Quem? O quê? Como? – Quem faz parte das redes? Quais os conteúdos dos fluxos das redes? Quais normas regulam a sua ação?. A tríade reverbera as relações entre os demais atores dentro do arranjo social da rede, de acordo com a Figura 1.

- **Forma: Quem?** Os nós das relações (parentes, amigos, vizinhos, colegas empregadas domésticas, outros. Os laços de colegas empregadas domésticas ou não, positivos ou negativos, fortes ou fracos, ativos ou passivos.
- **Conteúdo: O quê?** Trabalho, moradia, saúde, recursos financeiros, cuidados infantis, “quebra-galhos” (suporte a vida), ajudas (apoio material ou não). Além de afeto, apoio emocional, conselhos, vínculos de sociabilidade, lazer, diversão.
- **Normas: Como?** Através do sistema de reciprocidade, obrigação, igualdade, autonomia e compadrio.

62

Figura 1 – Modelo operacional das redes sociais de domésticas migrantes



Fonte: Org. FARIA, Guélmer Júnior Almeida de, 2018.

Quanto ao método de construção do corpo de dados, optamos pela entrevista em profundidade (WEISS, 1994), que seria o método mais adequado para:

[...] a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das suas próprias experiências, etc. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 193).

Parto das entrevistas em profundidades, que, segundo Weiss (1994), permitem o acesso às observações de outras pessoas a respeito de um fato. Por meio da entrevista, pode-se aprender sobre lugares onde nunca se esteve e sobre experiências nunca vivenciadas. As entrevistas, por serem singularizadas, possibilitam ao pesquisador a obtenção de material

“denso”, único e com “profundidade”, que expressam as manifestações de trabalhadoras domésticas em sintonia com as condições de classe, raça, gênero e nas suas redes sociais, que são estratégias de ajuda mútua, solidariedade, apoio social, favor, confiança e cooperação. Esses fatores não são indissociáveis para analisar as relações migratórias dessas mulheres, pois, as desigualdades produzidas em torno deles cotidianamente na vida delas constroem pontes ou abismos assentados na diferenciação à classe social, raça e ao gênero.

Para as entrevistas em profundidade (APÊNDICE C), seguimos um roteiro prévio de perguntas (tópico guia). Segundo Gaskell (2002), o tópico guia é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual, duas questões centrais devem ser consideradas, antes de qualquer forma de entrevista: o que perguntar (a especificação do tópico guia) e a quem perguntar (como

63

selecionar as entrevistadas). As respostas foram concedidas oralmente pelas entrevistadas, ligados às suas trajetórias de migração, prezando pela riqueza e profundidades das informações, e não por um quantitativo de entrevistadas, simulando um contexto de diálogo no qual foram gravadas em um aparelho de registro de áudio em concordância com as entrevistadas. Além disso, as entrevistadas foram informadas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por elas lido e assinado (APÊNDICE A).

Na fase da construção do corpo de dados para a reconstituição da rede, optamos pela observação direta em que “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada”. Para Quivy e Campenhoudt (1998), na observação direta, o instrumento é um questionário ou com o objetivo de produzir ou registrar as informações como o “gerador de nomes” das redes sociais das domésticas e a utilização do Mapa das Redes Pessoais proposto por Sluzki (1997) durante as oficinas. O roteiro das oficinas (APÊNDICE B) foi transcrito e também adotamos a técnica da observação participante (WHYTE, 2005) para colocar em evidência a existência de alguns traços específicos acerca das trajetórias, histórias de vida e curso de vida das domésticas, durante as oficinas e nas visitas ao ponto de ônibus.

A análise dos dados que se concatena com os métodos adotados está baseada na análise do conteúdo, com o objetivo de compreender a fala dos sujeitos pesquisados, a partir de suas concepções, expectativas, opiniões e condutas. Para Krippendorff (1980, p.21), a “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que permite fazer inferências replicáveis e válidas dos dados com relação ao seu contexto”. Igualmente, Bardin (1977, p. 96) explicita seus pressupostos dizendo que é “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo

por objetivo a sua interpretação”.

Ainda para Bardin (1977, p. 126), as pesquisas qualitativas apresentam, ao menos três etapas básicas importantes: (i) a pré-análise (exploração); (ii) a descrição analítica (organização); e (iii) o tratamento dos resultados (interpretação). A pré-análise dos dados refere-se à fase inicial de organização do material coletado pelas entrevistas e nas oficinas. Nela ocorreu a transcrição, leitura e sistematização de todas as informações obtidas, organizando e conciliando-as com as questões que norteiam o trabalho. As entrevistas e as falas das oficinas foram transcritas e procedeu-se uma primeira leitura das respostas dos informantes. Posteriormente, foram separadas, procedendo-se nova leitura. A partir dessas leituras, procedeu-se à descrição analítica, que consistiu na análise propriamente dita do material, na sua classificação e na categorização das informações.

64

2.8 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS QUALITATIVA

A ideia de pautar a metodologia em uma abordagem qualitativa da rede social pessoal significativa emerge do construcionismo (SPINK, MENEGON; MEDRADO, 2014), em que os sujeitos pesquisados produzem seus sentidos através das vivências de suas trajetórias de vida, curso de vida e de suas histórias de vidas. Para os autores, o que se produz pelas participantes da pesquisa “são construções conversacionais dialógicas” (SPINK, MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33). Compreende-se o grupo social como um lugar discursivo de negociação, destacando-o como espaço de práticas discursivas, no qual destacam-se os aspectos relacionais da construção de narrativas de si.

Mikhail Bakhtin³⁵ entende que o ser humano só pode ser estudado como produtor de textos, como sujeito que tem voz, nunca como coisa ou objeto e, nesse sentido, o conhecimento só pode ter caráter dialógico. Conhecimento dialógico é acontecimento. É encontro (FIORIN, 2006). Portanto, as domésticas migrantes podem ser consideradas uma unidade heterogênea, aberta ao intercâmbio produzido por sua participação nos jogos sociais e pela linguagem construtora de sentidos e significados atribuídos às suas realidades (MORÉ; CREPALDI, 2012). São práticas sociais de caráter discursivo por meio das quais as domésticas produzem sentidos sobre fenômenos a sua volta e se posicionam em relações sociais cotidianas (SPINK, MENEGON; MEDRADO, 2014).

Pois, como salienta Fiorin (2006), baseado em Mikhail Bakhtin, uma das premissas fundantes do ser humano é o fato de ser um sujeito falante, que se expressa pela produção de textos, imagens e sons. Nessa empreitada, pesquisador(a) e pesquisados são

ambos produtores(as) de texto, conferindo às Ciências Humanas e Sociais um caráter dialógico. Uma primeira consequência disso é o que o texto do pesquisador(a) não deve emudecer o texto do pesquisado(a), deve restituir as condições da enunciação e de circulação que lhe conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Logo, as análises de redes sociais relacionais só fazem sentido no “reconhecimento pelo outro” (RODRIGUES, ALFONSO e RIETH, 2017), numa determinada situação vital, por meio da compreensão e aceitação de suas emoções, dificuldades e opiniões, ou por comportamentos e ações, seja de ajuda material, ou conselhos, evidenciando a importância do papel e das funções que as redes sociais desempenham junto ao sujeito, sua família ou grupos sociais aos quais pertence.

³⁵ Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) é um teórico da linguagem. Para ele, o que importa para o pesquisador das Ciências Humanas e Sociais é como as produções de textos se constituem, sua conexão e interação com as atividades humanas, ou seja, seu processo de produção. Isto quer dizer que os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social.

65

Na busca por uma metodologia que proporcionasse emergir “novos falar e novas maneiras de pensar” (RODRIGUES, ALFONSO e RIETH, 2017), foram propostas oficinas, cujo objetivo é construir um ambiente coletivo de participação com as domésticas migrantes a partir de suas vivências e a produção de seus mapas de rede sociais pessoais. A oficina, na perspectiva da pesquisa, não é somente um lugar de produção de informações, mas também é um espaço dialógico de reflexão e produção de sentidos, onde é permitido a emergência de conflitos, contradições, trocas simbólicas, ressignificação e construção para o grupo envolvido. Para Spink, Menegon e Medrado (2014), a oficina é lugar de fala, expressão e promoção do exercício ético-político, a partir do momento que oportuniza a transformação a partir das trocas de experiências e embates construtivos.

Segundo Silva (2013), o ato de narrar revela a tecelagem da experiência, tal como numa oficina. Oficina é o lugar de transformação³⁶, lugar onde se pratica o ofício, isto é, uma ocupação permanente de ordem intelectual ou não a qual envolve certos deveres ou encargos ou um pendor natural. O sociólogo norte-americano Wright Mills, na década de 1950, e reportava-se à Ciência Social como um ofício, como algo que faz parte da vida. O autor se referia ao cientista social como artesão intelectual.

³⁶ Destaque para os trabalhos de Maria Aparecida Moraes Silva (2007; 2018) com desenhos de crianças que foram coletados em duas etapas: num primeiro momento, foram reunidas 15 crianças na casa do pai de uma das pesquisadoras; num segundo momento, foram coletados 25 desenhos na creche municipal, ocasião em que se desenvolveu uma atividade teatral. Revelam-se que os desenhos são as vozes sussurradas das crianças sobre o processo migratório que lhes fora imposto. E também com mulheres ceramistas.

66

PRIMEIRA PARTE: MIGRAÇÕES, SOCIEDADE EM REDE, RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO

3 CAPÍTULO 1: TEORIAS MIGRATÓRIAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, GÊNERO E REDES SOCIAIS

Nos estudos das migrações, segundo Peixoto (2006), em grande parte, a perspectiva de gênero é indiferente. Em muitos casos, os fluxos migratórios são tratados de forma que a variável gênero não seja uma vertente fundamental de caracterização, ou assume-se que as características da migração masculina podem se generalizar a todo o universo. Na bibliografia internacional, a introdução da variável gênero, ou, com resultados semelhantes, o aprofundamento das características da migração feminina, começaram a ter lugar no final da década de 1970. Na bibliografia nacional, estudos seguindo algumas destas perspectivas têm sido cada vez mais impulsionados, entretanto, não está ainda disponível uma visão extensiva sobre o tema. E as análises das teorias migratórias ainda se fazem pelo viés

masculinizado de grande parte delas.

Em relação à bibliografia internacional, somente no final da década de 1970 e início da década de 1980 que o enfoque de gênero passa a ter alguma relevância na literatura sobre as migrações, com destaque a abordagem feminista presente no trabalho de Mirjana Morokvasic (1984)³⁷. Na visão de Peixoto (2006), analisando as críticas feitas por essa autora, seguia-se duas vertentes: o modelo racional neoliberal (que assume que homens e mulheres emigram pelas mesmas razões e por motivos meramente econômicos, ignorando a presença de forças estruturais que influenciam as suas escolhas) e o modelo estrutural neomarxista (cuja preponderância sobre a influência da estrutura no processo de tomada de decisão dos/as imigrantes deixa pouco espaço para a decisão individual). Ambas as visões estão calcadas na teoria macroeconômica neoclássica de que a migração seria explicada essencialmente pelas diferenças geográficas pela oferta e demanda de força de trabalho.

Segundo Baptista (2011), a incorporação das mulheres nas teorias das migrações trazem importantes impressões do *habitus*³⁸ atribuído a elas no âmbito do setor produtivo. Por outras palavras, “o processo migratório das mulheres, é encarado como uma extensão do seu

³⁷ Artigo escrito em 1984: **Birds of passage are also women**, no qual relata a importância de incorporar as mulheres nas teorias migratórias.

³⁸ Relegando as mulheres as tarefas naturalizadas do cuidado e da reprodução no ambiente doméstico.

papel reprodutivo no seio familiar, não sendo assim considerado enquanto emigração laboral, menosprezando seu papel no processo de desenvolvimento” (BAPTISTA, 2011, p. 55). Durante muito tempo, a dimensão de reagrupamento familiar e acompanhante do cônjuge ditou o espriamento feminino nos processos migratórios. Essas características são tipicamente atribuídas às mulheres na função de mãe, esposa e do lar, dando pouca autonomia e atenção aos projetos autônomos das mulheres em migrar. Elas sempre fazem parte do processo, nunca como protagonistas. Peixoto (2006) assevera que a feminização das migrações internacionais na visão de Stephen Castles e Mark J. Miller, a partir da década de 1990, é uma das principais características da denominada nova “era das migrações”. Vários autores chamam a atenção para a crescente autonomia das mulheres para a procura do trabalho feminino na economia global, sobretudo, em dois nichos de mercado – o trabalho doméstico e a indústria do sexo (PISCITELLI, 2007).

As novas abordagens, “embora reconhecendo a importância da estrutura enquanto fator simultaneamente impulsionador e constrangedor do processo migratório chamam a

atenção para a ação individual dos/as emigrantes, encarando-os como atores sociais ativos” como aponta Peixoto (2006, p. 6). Nesse sentido, a análise das migrações à luz de uma perspectiva de gênero passa a integrar estruturas de nível intermediário, como o agregado familiar, a família, as redes sociais, os laços, a etnia, etc.

Consequentemente, se tomarmos a Teoria Neoclássica como lente para ver a incorporação das causas da migração serão os fatores econômicos de repulsão (*push*) que impulsionam o abandono do país de origem, e atração (*pull*) que consistem num conjunto de vantagens comparativas nos países desenvolvidos, que atraem as/os migrantes. Portanto, a decisão de emigrar, corresponde, assim, à análise custo/ benefício, ponderando incorporar vários fatores, como os diferenciais de preços, oportunidades de trabalho, diferenças culturais e linguísticas (BAPTISTA, 2011).

Sob esta perspectiva, homens e mulheres agiriam como seres racionais e homogêneos, e teriam migrado pelas mesmas razões. Na visão de Teixeira (2014), a decisão de migrar do indivíduo é tomada de um modo racional: o indivíduo pesa os custos e benefícios da migração e segue para o destino que considera poder trazer-lhe um maior benefício econômico. Adicionalmente, a decisão de migrar é movida pelo desejo do indivíduo em melhorar as suas condições de vida e é uma resposta às desigualdades reais ou percebidas na distribuição das oportunidades socioeconômicas. Um dos índices pelo qual o indivíduo mede racionalmente os custos e benefícios da migração é a diferença salarial. Tanto que, nas falas das/os migrantes, a pretensão salarial é um dos fatores que mais aparecem quando se questiona o ato de migrar. Em

68

geral, as/os migrantes se satisfazem com um salário real, mesmo em condições de insatisfação para sanar suas verdadeiras necessidades básicas no local de destino.

A perspectiva estruturalista³⁹, por seu lado, incide num nível de análise macro e tem em conta os contextos estruturais da sociedade de origem. Considera que as causas da migração são as desigualdades socioespaciais para as quais a migração surge como alternativa. Ao invés da anterior, a perspectiva estruturalista considera que a migração vem aumentar as diferenças e os níveis de desenvolvimento entre o país de origem e o de destino. A perda do capital humano no país de origem aumenta as desigualdades e perpetua o subdesenvolvimento (PEREIRA, 2006). Ou seja, são os fatores de mudança e de estagnação que são vistos como condicionantes do desenvolvimento regional. A mudança é impelida pela expropriação e a estagnação pela indisponibilidade e pressão populacional, levando a cabo a emigração. Eles atuam preponderantemente sobre as regiões rurais e no Brasil, intensificando-se com o

processo de industrialização concomitante ao de urbanização cuja alteração se fez presente no aumento do êxodo rural brasileiro.

Embora de fato seja relevante considerar os fatores estruturais, Baptista (2011, p. 56) chama atenção:

Por outro lado, é ao nível micro que a decisão é efetivamente tomada, sendo influenciada pela experiência única e individual do agente. Nesse sentido, para melhor perceber os processos migratórios femininos a saída é combinar fatores estruturais com motivações ao nível micro, seguindo três níveis de análise: relações entre países de origem e destino, condições de entrada e permanência e acesso ao emprego; instituições, redes migratórias, étnicas e sociais e motivações individuais.

A autora sinaliza para uma leitura em nível de processos sociais, tomando os indivíduos como partícipes dos processos, dotados de motivações, desejos, anseios e que invariavelmente esteja ligado ao aumento de seu bem-estar e melhores meios de prover suas vidas.

Pereira (2006) explicita seus pressupostos de que as perspectivas integradoras, ao procurarem estabelecer a ligação entre um nível de análise macro e um nível de análise micro, vão especificar um objeto de análise intermediário que possa sintetizar as duas abordagens dicotômicas. Dentre as várias tentativas, as propostas que surgiram como as mais coerentes são as que consideram a família e as redes sociais de migrantes. Considera-se que ambos são objetos

³⁹No Brasil, a Teoria Histórico-Estrutural pode ser compreendida no trabalho de Paul Singer “Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo”, no livro **Economia política da urbanização** (2010). Para ele, a urbanização é fator primordial para atrair os fluxos migratórios internos.

empíricos que residem em alguma parte entre o indivíduo e a sociedade. Tanto a família como as redes sociais são apresentadas como meios que têm em conta o conjunto de ações dos decisores individuais e a estrutura de constrangimento do comportamento pela economia política global ou nacional.

Já a Teoria do Mercado Dual de Trabalho Segmentado está calcada nas migrações de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos, estando estritamente relacionado com os mercados secundários e com as zonas de economia informal (TEIXEIRA, 2014). Está apoiada na transferência de força de trabalho de regiões produtoras dentro da divisão internacional do trabalho. Os fatores de atração operam em larga escala para países

desenvolvidos. Quando se pensa na divisão internacional do trabalho em relação às mulheres, os países desenvolvidos as demandam às tarefas reprodutivas e dos cuidados. Nesse sentido, as mulheres do sul são preteridas para os setores de serviços domésticos, pessoais e íntimos para os países do norte. Essa força de trabalho não pode ser considerada qualificada, pois, conforme Baptista (2011, p. 56) “não são as mulheres provenientes dos contextos mais pobres, pela dificuldade de acesso à informação, que normalmente costumam emigrar, mas sim aquelas que se encontram em situações muito precárias, as fracas condições de trabalho e poder de negociação”.

A Teoria Macroeconômica assevera que são os fatores coletivos que alinham as decisões migratórias dos agentes, que, de acordo com Peixoto (2006, p. 16), “os fatores de tipo coletivo, ou estruturante, que condicionam, sob formas diversas, as decisões migratórias dos agentes sociais”. Nesta perspectiva, os movimentos migratórios são vistos pela ótica dos fatores econômicos e, para Baptista (2011), não levam em conta as relações de gênero, nem explicam de que maneira a interação entre sexo e condicionantes econômicos, sociais e políticos conduzem as migrações femininas. Relega-se, assim, o papel das mulheres como “reativo” em vez de “proativo”.

Por sua vez, a Teoria das Redes Sociais, segundo Baptista (2011), apresenta as migrações enquanto fenômenos sociais, que são alimentados pelas redes sociais. A forma como se chegou a essa premissa, na visão de Pereira (2006, p. 98), foi de que:

[...] as redes sociais traduzem-se nas ligações dos indivíduos, não só às famílias, mas também aos amigos e à comunidade, bem como as associações forjadas através de atividades sociais e econômicas que agem como ligação e através das quais fluem a informação, a influência e os recursos.

70

Logo, são responsáveis pelo intercâmbio da informação sobre oportunidades de trabalho no país de destino, que, no caso das domésticas, é importante dado o enquadramento profissional das mulheres nos países de destino. Por outro lado, podem funcionar como redes encapsuladas (DECIMO, 1998)⁴⁰, assumindo o papel muito rígido de fixação no destino. No dizer de Portes (1999, p. 12), as redes são “um conjunto de associações recorrentes entre grupos de pessoas ligadas por laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos”. Assim, a pouca tradição da migração feminina, segundo de Pereira (2006), calcada na dependência de um modelo migratório masculino, baseado na experiência migratória da Europa do pós-guerra e as diversas perspectivas que procuram explicar as migrações internacionais, impediram, por exemplo, que no estudo sobre as migrações inter/nacionais se tivesse em conta a representação

feita dos sexos e como essa representação tem efeitos principalmente para as mulheres.

O trabalho dessas imigrantes é definido como 3-D por Hsiao-Hung Pai (2004) – trabalho sujo, perigoso e degradante [*Dirty, dangerous and degrading*]. Existe uma demanda por trabalhadoras que venham a executar esse trabalho 3-D como, por exemplo, o trabalho doméstico exercido por imigrantes latino-americanas e internamente pelas migrantes das regiões Norte e Nordeste do Brasil em grandes cidades. Essa morfologia configura novas relações da divisão sexual do trabalho em que pese as diferenciações entre trabalhos agradáveis e não agradáveis, para além da hierarquização e assimetrias de gênero entre as mulheres.

Finalmente, essa representação que se faz dos sexos numa determinada sociedade surte efeitos diferenciados para a inserção dessas mulheres. Suas experiências em relação ao trabalho feminino, à migração e às redes sociais determinam como o gênero, que é essa representação feita dos sexos, implicará em uma nova reflexão sobre a migração feminina, sob uma nova perspectiva das relações de gênero e das redes sociais. A Teoria das Redes Sociais apresenta a mobilidade feminina enquanto fenômenos sociais, fontes de apoio ao deslocamento ou a sua fixação.

3.1 MULHERES E MIGRAÇÃO

O lugar social de mulheres trabalhadoras domésticas remuneradas revelam a naturalização dos cuidados familiares, das obrigações familiares, que são indissociáveis da questão de gênero. As recentes abordagens sobre o fenômeno migratório têm destacado como

⁴⁰ A rede de relacionamentos é caracterizada por laços fortes, fechadas e múltiplos que restringem cada indivíduo a um intercâmbio constante de dinheiro, serviços, informações e apoio moral. Os protagonistas desse sistema de relações não veem a migração como uma ruptura com seu mundo de origem.

um novo ciclo de migração, as migrações de mulheres. A visibilidade das mulheres enquanto migrantes resulta, segundo Albuquerque (2005), no recrutamento de domésticas, mudança do paradigma do reagrupamento familiar e a inclusão de gênero nas discussões teóricas. É importante ressaltar, no entanto, que, na realidade, mulheres e migração são duas temáticas que, há muito, aparecem interligadas.

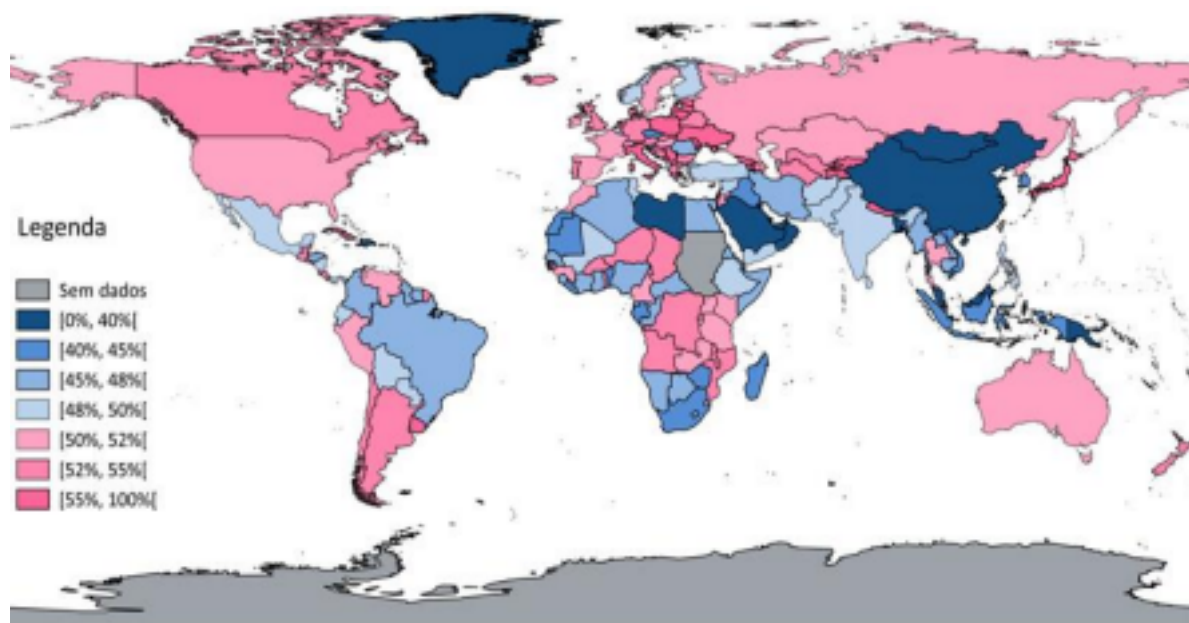
Na contemporaneidade, para Marinucci (2007), a mulher migrante tornou-se protagonista das ações migratórias – protagonismo, este, decorrente de interesses econômicos, mudanças no mercado de trabalho internacional, bem como das transformações nas relações

de gênero. A guinada teórica das migrações contemporâneas está em admitir que um de seus aspectos indissociáveis está na feminização. Na visão de Pereira (2006), a proporção das mulheres no total da população migrante tem aumentado ao longo das últimas décadas e em todas as regiões do globo. Apesar deste aumento e da crescente visibilidade, alguns autores consideram que o estudo das experiências das mulheres como migrantes no país receptor permanece incompleto.

Assim, em um mundo globalizado, é a migração a principal porta de entrada dessas mulheres para países do Norte. São mulheres do Equador que deixam os filhos com avós, para cuidarem de crianças na Espanha; são mulheres das Caraíbas ou da Ásia que tratam de idosos(as) e doentes no Reino Unido e na Irlanda. É também nesse sentido que Hochschild (2000) identifica a existência de cadeias globais de cuidados, referindo-se, através deste conceito, a uma globalização crescente dos cuidados – prestados a crianças, idosos e doentes – , protagonizada por mulheres (embora não em exclusivo) de diferentes continentes, idades e gerações, conforme o Mapa 3, a seguir.

72

Mapa 3 – Porcentagem de mulheres no total de migrantes, 2015



Fonte: ONU, International Migration Report (2015).

A feminização das migrações está associada às dificuldades que afetam as mulheres, na contemporaneidade, como a inserção no mercado de trabalho, o acesso à educação, à saúde e às redes de informação, a falta de autonomia e a vulnerabilidade à violência e à pobreza (RAMOS, 2014).

Segundo dados da ONU (2015), 3,3% da população mundial são migrantes

internacionais, com mulheres representando 48% destes. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima 2,5 milhões de trabalhadores domésticos na União Europeia, dos quais, 88% são mulheres. Estes dados revelam uma crescente tendência da feminização da migração laboral. Na América Latina e no Caribe, 53% dos migrantes em idade ativa (entre 20 e 64 anos) são mulheres. Migrantes trabalhadoras domésticas representam 35% na região. (OIT, 2016).

Em relação à porcentagem de mulheres, a Tabela 3, adiante, evidencia que a maioria das regiões do planeta apresenta a taxa de 50% de migrantes internacionais do sexo feminino. Apenas Ásia e África aparecem abaixo desse percentual. As disparidades regionais, a cultura e as políticas migratórias de integração devem ser concatenadas a esses dados para maior discussão sobre a complexidade do fenômeno migratório no século XXI.

73

Tabela 3 – Porcentagem de mulheres no total de migração internacional, segundo regiões do planeta, 2015 (ONU)

Região Percentual

América Latina e Caribe 51,6%

América do Norte 51,2%

Oceania 50,2%

África 45,9%

Ásia 41,6%

Europa 51,9%

Fonte: ONU, International Migration Report (2015).

Nesse sentido, no Brasil, as migrações internas ainda carecem de dados e de uma atenção dos(as) pesquisadores(as) para pensar a componente feminina e a extrínseca relação com o mercado de trabalho dessas mulheres. Lisboa (2006) chama a atenção para o nicho ocupacional reservado a essas mulheres. Serviços de faxineira e doméstica exerceram um papel importante na incorporação ao mercado de trabalho das mulheres no Brasil, porque constitui, culturalmente, o “lugar da mulher” e a execução dessas tarefas não exige nenhuma qualificação. A autora ainda evidencia que, historicamente, “em toda América Latina, dois terços das mulheres que migraram do campo para a cidade na década de 1990, em busca de melhores condições de vida, são atualmente trabalhadoras domésticas” (LISBOA, 2006, p. 158).

Ao voltarmos nossa análise para nosso lugar de pesquisa – o Norte de Minas Gerais –, quanto à emigração de mulheres e às relações de gênero, não vemos expressiva diferença entre índices de migração de mulheres e homens, sendo 50,28%, do sexo feminino, e 49,72%, do sexo masculino, embora, as mulheres se sobressaem. Segundo dados da pesquisa de doutorado de Fonseca (2015), nas Microrregiões Grão Mogol, Montes Claros, Pirapora e Bocaiúva, predominaram emigrantes do sexo feminino. Todavia, as diferenças não são grandes. Apresentaram mais emigrantes do sexo masculino as Microrregiões de Salinas, Januária e Janaúba, mas a quantidade a mais também foi pouca, respectivamente, 104, 285 e 437 homens. Na Microrregião de Grão Mogol, foram registrados 173 emigrantes a mais do sexo feminino; na Microrregião de Bocaiúva, 237; na Microrregião de Pirapora, 372; e na Microrregião de Montes Claros, 742 (FONSECA, 2015). Quanto à idade, os(as) emigrantes da Mesorregião do Norte de Minas, segundo faixa etária, foram encontradas de cinco até 102 anos. Considerados na faixa etária dos cinco até 19 anos (jovens), correspondem a 29,70%; de 20 até 59 anos

74

(adultos) chegam a 66,05%, sendo a maioria tanto do sexo feminino quanto do masculino; com 60 anos ou mais (idosos) com 4,25% (Tabela 4).

Tabela 4 – Emigrantes por idade, Norte de Minas, data fixa (2010)

Idade Percentual

5 a 19 anos 29,70%

20 a 59 anos 66,05%

60 a 102 anos 4,25%

Fonte: IBGE, Censo 2010 adaptado de Fonseca (2015).

Na interpretação dessa origem comum das domésticas abordadas, essa pode ser vista como uma prática cultural aliada à “cultura doméstica” e à “cultura migratória” das famílias pobres da região Norte de Minas Gerais, configurando-se, também, como uma tática de sobrevivência articulada às construções de gênero dos grupos familiares, desprovidos, da zona rural e de redes sociais de apoio e ajuda mútua. Assim, o cenário do universo feminino migratório é adverso. As consequências das crises econômicas impactam as mulheres de maneira intensa, o que reproduz acentuadamente sua exclusão do mercado de trabalho fora do trabalho doméstico.

Notas divulgadas na IX Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e do Caribe, organizado pela CEPAL (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010), apontam que 46% das mulheres latino-americanas maiores de 15 anos não têm renda própria, enquanto somente um entre cada cinco homens, ou seja, 21% estão nessa situação. A renda *per capita* dos lares comandados por mulheres é menor do que os lares encabeçados por um homem. 48% das mulheres entre 20 e 24 anos de idade estão inativas; 28,1% das mulheres entre 20 e 24 anos de idade são donas de casa ou empregadas domésticas; 12,6% das mulheres entre 20 e 24 anos de idade estão desempregadas. Com base nesses dados, podemos dizer que a pobreza atinge principalmente mulheres, domésticas, desempregadas e chefes de família.

Por essa razão, é unânime salientar que a situação das mulheres migrantes passa por uma análise multidimensional, articulando as questões de gênero, de classe e de pertença étnica e da análise do modo como cada uma destas variáveis pode influenciar as outras e, em simultâneo, é por elas influenciadas. Assim, torna-se relevante o cruzamento da diferença de gênero com a classe social, que, na visão de Crenshaw (2002):

75

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 178).

Lugones (2008) traz boas reflexões para pensar que essas domésticas passam por distintas manifestações de discriminações que se intersectam entre raça, classe, gênero e sexualidade para entender a preocupante indiferença que os homens demonstram em relação à violência que sistematicamente infringem essa categoria; mulheres vítimas da colonialidade do poder e, inseparavelmente, da colonialidade de gênero. Portanto, de acordo com Albuquerque (2005), as mulheres migrantes estão inseridas numa teia de relações de poder, em que as diferentes pertenças conjugam de modo indissociável e contingente. Embora, sendo mulheres (patroas e domésticas, por exemplo), umas detêm mais poder do que outras. Essa assimetria de poder está embutida numa sociedade marcada pelas desigualdades em uma estrutura social ainda assentada em relações patriarcais, principalmente, quando se analisa do ponto de vista de Thurler (2011), as mulheres – pobres e não-brancas. A pauta dos processos migratórios secundarizou durante longo tempo dinâmicas importantes de opressão e

dominação, de mudanças – tanto na apreensão das sociedades de partida, quanto nas sociedades receptoras. Grande parte dos estudos sobre migrações tem negligenciado as relações sociais de poder – entre elas, destacam-se as relações sociais de sexo –, presentes em uma e outra sociedade.

Logo, a mulher migrante está, com frequência, comprometida com sua origem. Não se pode esquecer que ela própria é também o reflexo da sua sociedade de origem e, por isso, está também marcada pela ideologia do gênero, ali, dominante. Ela própria possui um sentido de obrigação para corresponder a determinadas expectativas, o que repercute no nível das escolhas que for fazendo no seu percurso migratório (PEREIRA, 2006). Para essa mulher migrante, sua situação de vida, anônima, “invisível”, reflete no sentido de suas escolhas e revela aspectos das relações gênero que lhe são imbuídos ainda na sociedade de origem. Assim, elaboram estratégias para atenuar a sua sobrevivência em outro destino.

O processo migratório, na visão de Ramos (2014, p. 3), envolve “rupturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica, cultural e social dos indivíduos e das famílias” e igualmente, aculturação, que estabelecem um processo

76

complexo, tendo como consequências no nível do desenvolvimento individual, familiar e sócio – profissional, o que pode sobrecarregar a saúde física e psíquica. Para essas mulheres, a mobilidade e o deslocamento são vistos como perda de componentes subjetivos e objetivos de vida. Uma das principais queixas é a maternidade. Muitas migrantes veem-se vivendo longe de seus/suas filhos(as) e isto gera uma transferência da maternidade que implica na adaptação dos laços familiares.

Baptista (2011) explicita seus pressupostos dizendo que a procura de migrantes para o setor doméstico, com estratégias migratórias autônomas, não se fez sem algumas contradições e constrangimentos. Trata-se de uma autonomia migratória, que é construída com base na subordinação laboral. É visível como as implicações sobre as mulheres, desse processo, configuram-se em solidão, separação do lar, desintegração familiar e fragmentação de laços familiares. O tempo dessas mulheres migrantes é condição primordial para admissão no trabalho doméstico. O estar sempre à disposição revela que não é só o trabalho rotineiro que está em jogo, há uma dominação dos corpos dessas mulheres. Faz parte da colonialidade do ser. A dominação do corpo de mulheres racializadas e pobres é parte da história colonial e contribui para a colonialidade.

Nesse contexto, Pereira (2006) revela que, devido à fragmentação da unidade familiar, é requerido um esforço no sentido de preservar os laços para manter a integridade familiar no espaço migratório. As mulheres aparecem como as principais responsáveis por fazer com que os laços familiares se mantenham. As mulheres migrantes aparecem, não só fortemente comprometidas com a manutenção da integridade familiar, mas também com a mitigação das consequências que a sua mobilidade pode ter para os seus. A par disso, essas mulheres acabam por definir práticas de suportes e apoio mútuo com a finalidade de minimizar os impactos que a migração pode ocasionar.

Do ponto de vista de Assis (2007), a participação das mulheres nos processos migratórios ocorre articulada em uma complexa rede de apoio social. E, embora as redes funcionem como mecanismos de integração e adaptação, Hellerman (2004) demonstra seu caráter ambíguo, ao apresentar duas razões para esta atitude: as redes sociais mais formais existem em um nível elevado de controle, e a suspeição, que é, o desrespeito e discriminação por parte dos seus compatriotas. Ambas as situações denotam o que Decimo (1998) chamou de redes encapsuladas. A rede de relacionamentos é caracterizada por laços fortes e múltiplos que restringem cada indivíduo a um intercâmbio constante de dinheiro, serviços, informações e apoio moral. Os protagonistas desse sistema de relações não veem a migração como uma ruptura com seu mundo de origem.

77

No Brasil, na visão de Assis (2003), os estudos de redes sociais e migração têm sua tradição ligada aos estudos de migração interna, descrevendo o longo percurso do Nordeste para São Paulo e a rede de relações que as envolviam. Analisam-se a formação e a consolidação das redes no caminho do campo para a cidade, como no estudo de Durham (1984). As redes sociais na migração, exemplifica Staeve (2012)⁴¹ são de vários tipos, podendo se basear em solidariedades locais, laços de identidade, de origem, de condição laboral, dentre outros, verificados nos movimentos migratórios internos.

A incorporação das redes sociais nos fenômenos migratórios convergiu para análises em que a diferenciação sexual contribui para a permanência, persistência ou descontinuidades dos processos de mudança social e cultural. Como caracteriza C. Queiroz (2015), em sua pesquisa sobre a migração de mulheres guianeses para Boa Vista, em Roraima, estas mal se comunicavam em português, residiam nos locais de trabalho e não tinham assegurados direitos como férias, repouso semanal remunerado e salário mínimo. Ainda assim, preferiam a realidade do Brasil do que a imposta em seu país de origem. É através de contatos prévios, que vai desde conseguir o emprego, a moradia, informações e melhores

condições de chegada, é que o ato de migrar é estabelecido pelas redes sociais.

3.2 REDES SOCIAIS

A temática das redes sociais inaugura um debate relevante para pensar as Ciências Sociais e a complexidade da vida social. Nesta seção, recorro ao debate contemporâneo sobre o conceito de rede social, sem, contudo, deixar de dialogar com autores que fizeram estudos em interfaces com os das redes sociais, como: Mauss (1974), Elias (1994), Simmel (1981; 1999; 2002) e outros, além dos contributos dos precursores da utilização do conceito de redes sociais. Uma das primeiras indagações a respeito do conceito de rede social foi tentar responder à seguinte questão: afinal, quando se fala de redes, fala-se da metáfora ou da substância?⁴²

Inicialmente, no século XVII, Athanasius Kirchner⁴³ com sua visão da rede subterrânea foi um precursor do moderno estudo das redes. Para Cavalcante (2009),

⁴¹ Os resultados da sua pesquisa indicam o papel central que as redes sociais de parentesco, amizade e conterraneidade têm neste movimento migratório interno no Brasil, além de cruciais para a adaptação e permanência destes migrantes em solo roraimense (STAEVIE, 2012).

⁴² Há uma clara tendência em abordar as redes sociais enquanto metáfora, focada nas semelhanças e não nas características estruturais de uma rede. Como todo processo a abordagem sobre as redes sociais também é passível sempre de novas abordagens (WELLMAN, 2000).

⁴³ Athanasius Kircher foi um jesuíta, matemático, físico alquimista e inventor alemão.

Kirchner é considerado o primeiro a imaginar uma rede. Sua rede interligava o mundo subterrâneo por meio de canais que chegavam ou partiam de cavernas de fogo. É uma ideia impressionante em uma época em que nos mapas apareciam as cidades, mas não as ligações entre elas. Isto pode ser considerado uma antevisão do moderno conceito de uma rede moderna, responsável pela interligação de pessoas (CAVALCANTE, 2009, p. 38).

No século XVIII, Leonhard Euler, um matemático da Prússia oriental, publicou um artigo solucionando o problema das Sete Pontes de Königsberg. A cidade foi construída à volta do rio Pregel e, no meio do rio, há uma ilha chamada Kniephof. O problema era saber se havia a possibilidade de atravessar as Sete Pontes nunca passar pela mesma ponte mais de uma vez. A grande contribuição de Euler foi enxergar o problema como um grafo, uma coleção de *nós* conectados por ligações, abrindo, assim, o ramo da Matemática que estuda a descrição das redes – a Teoria dos Grafos⁴⁴ (CAVALCANTE, 2009).

Embora abarque uma tradição de cerca de uma centena de anos, desde a sua

utilização tanto nas Ciências Naturais quanto nas Ciências Sociais, o fato, é que a ideia de redes foi desenvolvida no século XX. No ano de 1930, alguns psicólogos da *Gestalt*⁴⁵ instalaram-se nos Estados Unidos, fugindo da Alemanha, entre eles: Kurt Lewin e Jacob Moreno. O primeiro estudou a noção de distância social através de representação gráfica e da matemática. Já Moreno procurou desenvolver uma metodologia que fosse além de uma técnica simples, mas que consubstanciasse em um novo paradigma das teorias sociais, desenvolvendo, assim, a sociometria. Entretanto, essa técnica mostrou-se tímida diante da construção do corpo dos dados e da sua complexidade.

Já na década de 1930, houve uma apropriação da Matemática pelas Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Psicologia), especificamente da Teoria dos Grafos e da Sociometria⁴⁶. Nas Ciências Sociais, o primeiro autor a utilizar o conceito de rede social (*social network*), em 1954, foi Jonh A. Barnes. Mais para frente falaremos dos precursores das redes sociais nas Ciências Sociais, dando destaque para os estudos de Jonh A. Barnes, J. Clyde Mitchell, Claude Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown e Elisabeth Bott⁴⁷.

⁴⁴ Ramo da Matemática Discreta. Um grafo é um objeto matemático, ou estrutura matemática, formado por dois conjuntos: um conjunto de vértices (V) e um conjunto de arestas, que apresentam as relações entre os vértices (WASSERMAN; FAUST, 1994).

⁴⁵ Ramo da psicologia que define para estudar as partes é preciso conhecer o todo. Refere-se a um processo de dar forma de configurar (WERTHEIMER, 1961).

⁴⁶ A inovação de Jacob Moreno reside na produção do sociograma, que representa graficamente as propriedades formais das configurações sociais, em que os indivíduos constam como pontos e as relações entre si como linhas. Este diagrama descreve os canais, que estabelecem laços, onde ocorrem os fluxos de comunicação (ou outros) entre os indivíduos (FIALHO, 2015, p. 85).

⁴⁷ Na próxima sessão, exponho brevemente como as Ciências Sociais se valeram do conceito de rede social (*social network*).